

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA  
Área de Concentração: Antropologia Social e Cultural  
Linhas de Pesquisa:  
Comunidade, Rede e Performance & Sociedade, Ambiente e Territorialização



**Roça Quilombola: (Re) Existência secular das Comunidades Quilombolas no Rio Grande do Sul.**

Eder Ribeiro Fonseca

Orientador Prof. Dr. Cláudio Baptista Carle

Pelotas, 2024.

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

Área de Concentração: Antropologia Social e Cultural

Linhas de Pesquisa:

Comunidade, Rede e Performance & Sociedade, Ambiente e Territorialização

**Roça Quilombola: (Re) Existência secular das Comunidades Quilombolas no Rio Grande do Sul.**

Eder Ribeiro Fonseca

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Cláudio Baptista Carle (Orientador)  
Doutor em História- Área de Concentração em Arqueologia pela PUCRS

---

Prof. Dr. Pedro Luis Machado Sanches  
Doutor em Arqueologia pela USP

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Marielda Barcellos Medeiros  
Doutora em Antropologia Social UFPEL

---

Notório Saber Quilombola Arnaldo Dias  
Liderança Quilombola

Pelotas, 2024.

## Prefacio

Nesse momento vou trazer minhas memórias da essência da minha Vó baixinha, mais conhecida como Dona Elvira Lima Soares, que já está na ancestralidade. É muito emocionante relatar em poucas palavras a grandeza dessa mestra Grio. Contar sobre seu carinho afetivo com o quilombo, de sua serenidade, da magia de seus saberes e práticas ancestrais, que ela utilizava para a família e para a comunidade. Trago nas fala de sua filha, Vanda Ribeiro Fonseca de 77 anos, o relato sobre Vó Elvira

“A minha mãe né era uma pessoa muito boa, cuidava a gente bem, trabalhava pra gente não passar fome, na lavoura, e cuidava nois muito, muito bem mesmo. Era boa, boa mesmo, morreu com cem e tantos anos, bem velhinha e sempre foi boa. Os dinheiro que ela ganhava, quando se já aposentou, repartia comigo, que eu sou a filha dela, eu tinha uns quantos filhos, ela repartiu com a gente, os troquinho pra dar comida, que eu não tinha, para os neto não passar fome, ela ganhava pouco também, mas repartia os troquinho, que ela tinha ... nois. Foi uma mãe muito boa para mim. Morreu bem véinha, bem velhinha, e morreu junto comigo, eu estava no mesmo quarto que ela morreu, me acordei, ela tava... fui ver, ela tava morta. Cuidei até no fim, pra ela.. foi muito boa pra mim”.

A Vó Elvira, com a sua oralidade, foi repassando seus conhecimentos, para seus filhos e netos, que mesmo estando na ancestralidade, guia meus passos para o caminho correto. Ela adorava usar vestido colorido e lenço na cabeça, gostava de estar sempre perfumada. Em sua roça quilombola ela cultivava muitas ervas medicinais, hortaliças, milho, feijão, batata doce, mandioca e muitas flores no pátio, com seu pilão ela fazia canjica e nós netos e bisnetos ajudávamos ela. além de fazer a canjica no pilão Vó Elvira também fazia o processo tradicional de descascar o arroz, com a mão de pilão, ela socava até soltar a casca do arroz, depois colocava dentro de uma bacia ou na peneira e assoprava, para tirar a casca. Um de seus prazeres era cozinhar, fazendo várias comidas típicas da cultura quilombola, como quibebe feito de abóbora com farinha de milho, jacuba feito com café, farinha de mandioca e açúcar; fazia canjica, feijoada, caruru, cogumelo; fazia diferentes tipos de xaropes; tinha como prática ir ao campo coletar um tipo específico de vassoura, para varrer o pátio. Era uma benzedeira, muito procurada pela comunidade, ela benzia com brasa contra olho gordo e inveja, tinha como prática de benzer, contra temporal, utilizando sal, fazendo uma cruz na mesa, ou no chão, ou cravava o machado na terra. Além disso, ela benzia crianças recém nascidas, na primeira lua cheia, ela apresentava a criança a lua, dizendo as seguintes palavras - *“lua, lua, luare, me ajuda a cuidar dessa criança”*. Ela adorava nos contar histórias, sentada em seu banquinho de madeira, a luz do seu candeeiro, com seu fogão a lenha. Acesso essas lembranças sempre, estarão sempre vivas em meus pensamentos, em seus ensinamentos percorrem todo meu ser, conduzindo minhas pegadas.

*Asé Vó Elvira!*

## Agradecimentos

Agradeço aos ancestrais!

Agradeço a Roça Quilombola!

Agradeço a minha Vó Elvira, a Grande Mãe do quilombo que habito!

Venho agradecer a minha mãe, Vanda Ribeiro Fonseca, e meu pai, João Francisco de Matos Fonseca, são as minhas referências e inspirações, é neles que eu busco a coragem de seguir lutando.

Agradeço meu filho, Érick Furtado Fonseca, pois é a minha razão de viver, através dele que tenho a força necessária de seguir lutando, para a construção de um futuro melhor.

Agradeço aos meus irmãos, Leandra Ribeiro Fonseca, Alvacir Ribeiro Fonseca, Eronita Raquel Ribeiro, Carlos Francisco Ribeiro, todos são importantes, sempre dando apoio e palavras de conforto.

Quero agradecer meus sobrinhos, Maria Gabriela Ribeiro e José Eduardo Duarte Ribeiro, nos momentos que precisei não mediram esforços para me ajudar.

Quero agradecer minha namorada e companheira, Alice Cristina Resaffe, por estar ao meu lado nos momentos bons e difíceis, sempre me incentivando a seguir em frente na minha pesquisa.

Agradeço meu orientador, Cláudio Baptista Carle, pelas orientações, pela amizade, por me fazer acreditar na minha pesquisa, pelo incentivo, pelas ideias que me proporcionaram um amadurecimento, como pesquisador quilombola.

Agradeço imensamente as lideranças quilombolas, que me acolheram com todo carinho, em suas casas e concederam as entrevistas, que foram fundamentais para o desenvolvimento da minha pesquisa, sem a contribuição de vocês não teria conseguido, por isso o trabalho não é só meu e sim coletivo, Ari Silveira, Vanda Ribeiro Fonseca, Arnaldo Dias, Elisangela Dias Shug, Maria Denise Shug, Tatiana Dias Shug, graças a vocês meu sonho se torna realidade.

Agradeço ao PPGANT, professores que me deram aula, foram importantes na minha compreensão antropológica.

Venho agradecer ao grupo de Pesquisa Cultura, Imaginário e Educação e aos colegas, que me proporcionaram conhecimentos sobre as dinâmicas de investigação em povos tradicionais.

Quero agradecer o Núcleo de Estudos em Gênero, Raça e Agroecologias – NEGRAS, pelo aprendizado, e principalmente pela construção de uma agroecologia epistêmica quilombola, mas quero agradecer principalmente minha amiga Vivian Delfino Motta, pelos anos luta em conjunto de amizade e cumplicidade.

## Resumo

FONSECA, Eder Ribeiro. **Roça Quilombola: (Re)Existência secular das Comunidades Quilombolas no Rio Grande do Sul.** (Dissertação) PPGAnt - Área de Concentração: Antropologia Social e Cultural - Linhas de Pesquisa de Comunidade, Rede e Performance & de Sociedade, Ambiente e Territorialização. (Oror. Cláudio Baptista Carle), ICH- UFPel, Pelotas, 2024, 80f.

O texto que apresento é sobre o envolvimento dissertativo, na alteração das linguagens orais para a escrita, no PPGAnt (Programa de Pós-Graduação em Antropologia), na Área de Concentração: Antropologia Social e Cultural, nas linhas de Pesquisa Comunidade, Rede e Performance e Sociedade, Ambiente e Territorialização. O universo da ancestralidade negra, dos quilombos no Brasil é marcado pela *oralitura* e aqui convertemos em textualidade. A dissertação trata sobre o processo de envolvimento, de comunidades quilombolas no sul do estado do Rio Grande do Sul, na constituição da Roça Quilombola. Ação que é fruto de uma perspectiva histórica dos quilombolas, que vem se estabelecendo na região de Pelotas, há pelo menos 300 anos, como forma de resistência multissecular as ações devastadoras da agricultura e criação ostensiva de gado na forma capitalista. Ação que consideramos devastadora e se estabelece com a penetração dos europeus, inicialmente os espanhóis com a criação de gado de forma ostensiva e depois com o estabelecimento de monoculturas agrícolas. Ação devastadora, que sempre tiveram o contraponto quilombola. Resistência nas formas de plantio e criação de grupos pequenos de animais, com o manejo controlado dos territórios, realizado pelos pequenos produtores rurais e em especial os quilombolas, que essa investigação se dedica em elucidar. O estudo é fruto de uma escuta atenta de representantes de comunidades quilombolas, da região da antiga Pelotas, hoje marcada por vários municípios diferentes. A interação, que eu como quilombola, com formação superior na área de estudo da Roça Quilombola, pode inscrever nesse contexto amplo do fazer/ser dos quilombolas, no sul do Brasil. A atuação antropológica, que é marcada pela escuta, pela interação, pela escrita densificada, possibilita apresentar esses resultados. O estudo mostra como a perspectiva afrocentrada, trazida e mantida pela ancestralidade, que pode ser identificada de maneira evidente, nas manifestações cosmogônicas africanas no Brasil (conhecidas como religiões de matriz africana). Identificam os sentidos da produção da Roça Quilombola, como marcante para a manutenção do pensamento e ligação com uma ancestralidade afrocentrada da existência. Essa afrocentricidade se apresenta no processo de plantio e colheita, de muitas formas, mas que aqui foquei na produção de ervas de cura. Poções ligadas às entidades irmãs, que são as plantas e com as quais, como quilombolas convivemos e nos comunicamos no ato de perpetuação da existência, no plano material e na rerepresentação das forças condutoras da existência, no plano imaterial. As variações e suas forças, ligadas as entidades ancestrais, são aqui apresentadas, considerando os valores expressos nessas forças. A Roça Quilombola é uma comunidade em interação com os quilombolas, interação marcada pela ancestralidade, das várias entidades de força, que a constituem e que aqui mostro na medida da não revelação dos segredos, que devem ser preservados e que não são apresentados, nem como texto nem como expressão.

**Palavras-chave:** práticas ancestrais, botânica quilombola, resistência negra, orixás, ervas medicinais.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação da Publicação

F677r Fonseca, Eder Ribeiro

Roça Quilombola [recurso eletrônico] : (re) existência secular das comunidades quilombolas no Rio Grande do Sul / Eder Ribeiro Fonseca ; Cláudio Baptista Carle, orientador. — Pelotas, 2024.  
79 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Práticas ancestrais. 2. Botânica quilombola. 3. Resistência negra. 4. Orixás. 5. Ervas medicinais. I. Carle, Cláudio Baptista, orient. II. Título.

CDD 981.65



### Abstract

FONSECA, Eder Ribeiro. **Roça Quilombola: (Re)Existência secular das Comunidades Quilombolas no Rio Grande do Sul.** (Dissertação) PPGAnt - Área de Concentração: Antropologia Social e Cultural - Linhas de Pesquisa de Comunidade, Rede e Performance de Sociedade, Ambiente e Territorialização. (Oror. Cláudio Baptista Carle), ICH- UFP Pelotas, 2024, 80f.

The text I present is about the dissertation involvement, in the change from oral to written languages, in the PPGAnt (Postgraduate Program in Anthropology), in the Area of Concentration: Social and Cultural Anthropology, in the lines of Research Community, Network and Performance and Society, Environment and Territorialization. The universe of black ancestry, of quilombos in Brazil, is marked by oraliture and here we convert it into textuality. The dissertation deals with the process of involvement of quilombola communities in the south of the state of Rio Grande do Sul, in the constitution of Roça Quilombola. Action that is the result of a historical perspective of the quilombolas, who have been establishing themselves in the Pelotas region for at least 300 years, as a form of multi-century resistance to the devastating actions of agriculture and overt cattle raising in the capitalist form. An action that we consider devastating and was established with the penetration of Europeans, initially the Spanish with the obvious raising of cattle and later with the establishment of agricultural monocultures. Devastating action, which always had a quilombola counterpoint. Resistance in the forms of planting and raising small groups of animals, with controlled management of territories, carried out by small rural producers and especially quilombolas, which this investigation is dedicated to elucidating. The study is the result of attentive listening to representatives of quilombola communities, from the region of former Pelotas, today marked by several different municipalities. The interaction, which I, as a quilombola, with higher education in the study area of Roça Quilombola, can place in this broad context of the doing/being of quilombolas, in southern Brazil. Anthropological action, which is marked by listening, interaction, and densified writing, makes it possible to present these results. The study shows how the Afro-centered perspective, brought and maintained by ancestry, can be clearly identified in African cosmogonic manifestations in Brazil (known as religions of African origin). They identify the meanings of the production of Roça Quilombola, as important for the maintenance of thought and connection with an Afro-centered ancestry of existence. This Afrocentricity presents itself in the planting and harvesting process in many ways, but here I focused on the production of healing herbs. Potions linked to sister entities, which are plants and with which, as quilombolas, we live and communicate in the act of perpetuating existence, on the material plane and in the re-presentation of the driving forces of existence, on the immaterial plane. The variations and their forces, linked to ancestral entities, are presented here, considering the values expressed in these forces. Roça Quilombola is a community in interaction with the quilombolas, an interaction marked by ancestry, of the various entities of force, which constitute it and which I show here to the extent of the non-revelation of secrets, which must be preserved and which are not presented, nor as text nor as expression.

**Key words:** ancestral practices, quilombola botany, black resistance, orixás, medicinal herbs.

## Lista de Figuras

Figura 1-Foto de Vó Elvira (capturada de vídeo-Testemunho de Vó Elvira, 2023- Canal Quilombo Vó Elvira- YouTube).....	29
Figura 2- Fotografia da Vó Elvira (Fonte: Acervo familiar dos Fonseca,2023-Mena, p. 26)..	30
Figura 3-Fotografia da comunidade com a Vó Elvira sentada ao centro (Imagem cedida pelos quilombolas-Mena, 2023, p.27).....	31
Figura 4-Foto de Vanda Ribeiro Fonseca em seu quintal (fonte-Caderno de Campo de Eder Ribeiro Fonseca).....	32
Figura 5- Entrega de pentes natalinos para as crianças quilombolas (Fontes: Elisangela, 2021) .....	35
Figura 6- Criança olhando "agricultora! debulhando milho (fonte: Elisangela Shug, 2021)..	36
Figura 7-Curso de formação e resgate cultural (Fonte: Elisângela Shug, 2021).....	37
Figura 8- Imagem de satélite da Comunidade Quilombola Vó Elvira (GOOGLE EART, 2022.- Mena, 2023, P.29).....	43
Figura 9- Croquis do Quintal no Quilombo Vó Elvira (confeção Cláudio Baptista Carle, Mena, 2023, p. 30).....	44
Figura 10- Seu Ari Silveira na colação de grau de sua filha Jacira Silveira no curso de pedagogia- UFPEL, 2021.....	48
Figura 11- Maria Denise: Foto de Tatiana Shug, 2023.....	50
Figura 12- Elisangela Shug se autofotografando em sua residência, 2022.....	52
Figura 13- Tatiana Shug se autofotografando em sua residência, 2023.....	53
Figura 14- Espinheira Santa, Eder Ribeiro Fonseca,2023.....	54
Figura 15- Pata de Vaca, foto do autor, 2023.....	55

## Sumário

A ancestralidade quilombola adentra a academia	08
O caminho proposto para o texto dissertativo	15
Caminhando com os mais velhos	20
O nós autoetnográficos	23
Ancestralidades marcantes na Roça Quilombola	28
A oralitura das narrativas e interpretações	30
Um novo Itan as Roças Quilombolas e a Ancestralidade	
Considerações não tão finais	39
Referências	40

## **A ancestralidade quilombola adentra a academia**

“É preciso que a gente saia da comunidade, passe pela universidade e volte para a comunidade” (Nego Bispo, conf. Dandara Dornelles, 2021, p. 25).

Eu Eder, estou hoje como um líder quilombola ligado ao território ancestral Quilombo Vó Elvira. Sou ligado ao território ancestral quilombo Vó Elvira, quando pequeno, duas pessoas foram fundamentais para minha chegada nesse universo acadêmico. Minha mãe Vanda e minha avó Elvira sempre falavam para mim que a pista chave para ter uma vida digna era através dos estudos e nunca se esquecer de onde viemos. Com isso percebi que através dos estudos era possível eu dar uma condição de vida melhorar para minha família e com o conhecimento adquirido ajudar não só a minha comunidade mais também várias outras, com esse gatilho recebido por elas na minha infância me formei Técnico em Agropecuária, Técnico em Meio Ambiente pelo IFSUL-CAVG, Bacharel em Agroecologia pela Universidade Federal de Rio Grande Sul. O meu trabalho de conclusão de curso foi focado temática da Agroecologia Quilombola, atualmente no Mestrado em Antropologia Social na Universidade Federal de Pelotas, tenho me dedicado a pesquisar as diversas compressões das Roças quilombolas, pesquisador colaborador do Núcleo de Estudos de Gênero, Raça e Agroecologias vinculado ao Instituto Federal de São Paulo -Campus São Roque, portanto eu sou fruto de políticas públicas dos governos do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva sempre frisando que minha luta é coletiva e não existe mérito sem oportunidade e as políticas públicas me proporcionaram a adentrar na universidade.

Agroecologia não é só uma questão de produção agroecologicamente sustentável e sim, respeitar os processos ecológicos naturais, respeitando as práticas e saberes dos povos tradicionais e comunidades rurais, saber que esses agroecossistema nessa configuração holística a diversidade é fundamental para a manutenção do equilíbrio neste ambiente ecologicamente sustentável.

De qualquer forma, a Agroecologia não se propõe como uma panaceia para resolver todos os problemas gerados pelas ações antrópicas de nossos modelos de produção e de consumo, nem espera ser a solução para as mazelas causadas pelas estruturas econômicas globalizadas e oligopolizadas, senão que busca, simplesmente, orientar estratégias de desenvolvimento rural mais sustentáveis e de transição para estilos de

agriculturas mais sustentáveis, como uma contribuição para a vida das atuais e das futuras gerações neste planeta de recursos limitados (CAPORAL, et al., 2009,p 897).

O conceito de Agroecologia surgiu nos espaços acadêmicos sendo construídos os saberes científicos, tendo como premissa três eixos principais; ciência, prática e movimento, por ter surgido centralizado dentro do enfoque científico acadêmico eurocentrado, sendo uma ciência em desenvolvimento, portando a um processo de construção de conceitos com formato circular, imbricados nas práticas e saberes agroecológicos desenvolvidos em diferentes povos tradicionais, exemplos, povos quilombola e indígenas que trazem em seus sistemas agroalimentares de produção epistemologia agroecológica complexa ancestral e territorial em seus cultivos multissecular descrito por Motta (2023, p 28):

A epistemologia agroecológica é transdisciplinar, produz conhecimento acadêmico-científico a partir da atuação de pesquisadores e pesquisadoras, mas também produz conhecimento a partir do cotidiano das comunidades rurais, dos movimentos sociais, das/dos extensionistas e dentre outras condições. É premissa que o conhecimento produzido não é hierarquizado e se soma ao conhecimento acadêmico para compreensão de uma realidade complexa, e por consequência disso, a complexificação do conceito torna-se constante.

Destaco a Roça Quilombola como um sistema agroalimentar agroecológico, esses sistemas agroalimentares tradicionais possuem múltiplas dimensões, como ambiental, cultural, econômica, social, política e simbólica, estando comprometido com as questões raciais, étnicas, classes sociais e gênero, e para manter o equilíbrio do sistema vai possuir circularidade mantendo uma sinergia entre todas as dimensões com mutua interações entre seres vivos, plantas, animais, solo, água e o homem, proporcionando um bem viver em comum.

Na minha formação em Bacharelado em Agroecologia pela Universidade Federal de Rio Grande (FURG) o objetivo do curso é formar profissionais capacitados em atuar e compreender a diversidade no campo agroecológico, desenvolvendo teoria e prática , criando ou adaptando tecnologias emancipatórias nos territórios que dialogue com as comunidades , fazer diagnostico e planejamento estratégico entre outras. Portanto o Agroecólogo vai ter um perfil profissional dinâmico, desde a proteção e recuperação de áreas degradadas, manejo dos agroecossistema de forma sustentável, produção de alimentos ecológicos e orgânicos, com atuação nos espaços acadêmicos, associações, cooperativas, comunidades rurais entre outras.

O estudante de agroecologia passou a ser estudante da Roça Quilombola na busca por entender a biointeração que os africanos sequestrados e seus descendentes resistentes ao sequestro na criação de quilombos urbanos, mas principalmente nos quilombos rurais, como sou oriundo, mantém sua integridade de saberes, para tanto trilhei um caminho, saudando o Senhor dos Caminhos – *Laroyê Exu!* Com esse andar já realizado me inseri na pós-graduação e apresento a dissertação que se segue.

O encontra com a antropologia, fruto de uma interação familiar com a minha irmã, antropóloga formada, e com vários processos de ações de avaliação de identificação de indígenas e negros, que me envolvi como membro da Comissão de Hetero-identificação dos candidatos por vagas étnico-raciais da UFPel, me trouxe para o pós-graduação em Antropologia. Olho para as problemáticas da pesquisa a partir dos efeitos do racismo estrutural, ambiental, fundiário e institucional, que as comunidades quilombolas no Brasil sofrem de forma escancarada na história e nos dias atuais.

Os racismos excludentes e que atuam na expulsão dos negros de seus territórios urbanos e rurais. O racismo que promove o apagamento cultural, a invisibilidade dos modos de vida, impossibilitando as práticas ancestrais das Roças Quilombolas<sup>1</sup> mostram de forma evidente esse processo. As práticas colonialistas evidenciam a exclusão do negro, nas pautas da roça quilombola. As práticas da Roça Quilombola eu chamava Agroecologia, antes de conhecer as falas e os escritos de Nego Bispo, alertado que fui, também, na banca de qualificação. Nego Bispo, quilombola, hoje é ancestral, mas pudemos conviver com suas falas e seus ensinamentos, as falas e escritas transformadoras de Antônio Bispo, marcam esse texto, como ancestral, assim como todos os meus ancestrais de sangue e de luta, de diversas linhagens sequestradas no continente africano.

Roça Quilombola é o termo científico, de sabedoria, cunhado pelo quilombola Nego Bispo:

A arte de dominar é a arte de nomear. Aí eu fui ver os nomes que os colonialistas botam no sistema de produção. Quando a gente faz uma roça, só diz assim: " eu fiz uma roça". A gente não diz se o sistema de fazer aquela roça é sustentável, agroecológico, orgânico. Não, para gente é uma roça. Eu faço uma roça. Eu não digo qual é o nome do sistema. Mas o colonialista diz: "ou o sistema é orgânico, ou é

---

<sup>1</sup>Roça Quilombola é o termo científico cunhado pelo quilombola Nego Bispo - Antônio Bispo dos Santos, que nasceu em Francinópolis, no dia 10 de dezembro de 1959 e faleceu onde viveu boa parte de sua vida, no Quilombo Saco-Curtume, em São João do Piauí, em 3 de dezembro de 2023. Nego Bispo é filósofo, poeta, escritor, professor, líder quilombola e ativista político brasileiro, é um dos maiores intelectuais brasileiro e pensador quilombola, além dos conceitos Roça Quilombola e Biointeração, cria o conceito de "contracolonização" (<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2023/12/04/morre-o-pensador-quilombola-antonio-bispo-dos-santos-conhecido-como-nego-bispo.ghtml>, acesso em 24/01/2024).

agroecológico, ou é sustentável ou é agronegócio". Aí eu pensei: "já que é assim eu vou botar um monte de nome". Então, na primeira fase eu narro uma casa de farinha. Aí eu digo: "se eu tivesse que chamar isso de alguma coisa eu chamaria de biointeração". Então eu vou escrever sobre biointeração para dizer que biointeração é a contratualização do desenvolvimento sustentável (conf. Martins, et al. 2019, p.78)

O povo quilombola é o detentor de saberes e fazeres específicos, fruto do envolvimento em cada quilombo desse país. A biointeração (chamada de agroecologia conf. Nego Bispo, entrevista de Martins, 2019) é feita nos territórios quilombolas e nos territórios negros rurais no Brasil. A biointeração nasce negra, nos quilombos, ou em outros espaços rurais dominados por negros no passado e no presente. O processo de ruptura, sequestro conhecido como escravocrata trouxe milhões de pessoas negras para esse País. Pessoas que construíram a produção rural em cada recanto dessa nação. É impossível falar de biointeração sem ouvir as vozes negras.

A colonialista agroecologia que em realidade é a biointeração nasce das mãos negras. Nesse sentido é fundamental que os espaços de construção de conhecimentos ligados a vida rural, como os cursos superiores, se envolvam na construção do saber dos conteúdos teóricos, na efetiva inserção de componentes curriculares que permitam a presença de atores e autores & autoras e autoras negras. Falar atores é dizer agentes, pessoas de ação, que fazem de sua prática diária a vida na biointeração. É evidente que se deve descartar a diversidade de saberes de vivências e de escutas desses entes integrados com a terra. A biointeração preconiza a inexistência de hierarquização de saberes.

A minha trajetória de vida se consolida com as práticas biointerativas ancestrais quilombolas no território ao qual pertença. Sempre estiveram presentes na minha vida, através dos meus pais e de outros familiares, na produção de autoconsumo familiar, envolvida nas práticas ancestrais pulsantes nos cultivos. Este envolvimento destaca os saberes das ervas medicinais, nas formas de preparo dos alimentos, nos manejos e nos cultivos conectados com o que os colonialistas chamam de natureza, e que chamamos de seres ancestrais e cosmogônicos. A terra é a parte do cosmos e nós também. Não separamos nossa mãe terra de nós, pois ela é nossa ancestral, assim como outras entidades cosmogônicas.

Nego Bispo (conf. Dornelles, 2021) indica que os saberes dos quilombolas, como eu e ele, são orgânicos, são saberes "cosmológicos" que eu digo cosmogônicos. São vivenciados coletivamente por quilombolas. Saberes "que nos envolvem a partir do ser" (Nego Bispo em Dornelles, 2021, p. 16). Nós como povos africanos, cuja origem nos foi

negada, pois não sabemos diretamente quem são nossos ancestrais naquele continente, arrolamos nossas ancestralidades em uma África mãe imaginária, não como algo fantástico, fruto de uma imaginação fértil, mas como uma imagem distorcida, mas precisa e forte, pois nos reveste de sentido no estar no mundo. Os povos africanos trazidos aforça de África, não puderam manter sua língua ou linhagem, “por conta da separação das famílias, por conta do afastamento das pessoas que falavam a mesma língua” (Nego Bispo em Dandara, 2021, p. 16). Mas suas sementes, seus saberes, seus modos de vida não se perderam, a interação com os sábios, os sacerdotes e sacerdotisas, com as lideranças, dos reis e rainhas, arrastados para cá, mantiveram suas perspectivas sobre a existência material e imaterial, naquilo que chamam os colonialistas de “religião de matriz africana”. Não é uma religião, pois não nos desvinculamos, não desligamos e religamos, somos. Não há uma matriz, mas há saberes variados e amplos em suas possibilidades, sempre se refazendo sem perder, no entanto, seus fundamentos, suas imagens fundadoras, pois é ancestral e segue na ancestralidade sempre presente, nunca desconectada, nunca como passado, sempre como memória presente. Africanas, pois foi assim que os colonialistas chamaram nossas terras, nossas identidades, nossos seres, como se fossem de um continente específico, mas como todos os humanos saíram de lá essa restrição é uma invenção que nos nega como seres humanos do mundo. Identifica um continente com um tipo de pessoa, por uma cor de pele, forma de cabelo crespo, e outros traços, somos tudo isso, mas somos mais, pois somos o fundamento da própria humanidade. Mas nos desumanizaram, para poder convencer outros a nos usarem.

Chegamos nessa terra, que os colonialistas chamaram de América, chamaram de Brasil, negando os povos daqui, como nos negaram. A terra que nós encontramos, quando nos trouxeram, estava repleta desses antigos irmãos, que chamamos hoje de forma redutora de indígenas, com quem nos comunicamos, pela própria terra e tudo que nela está, pois, nossas linguagens eram muito parecidas (conf. Bispo, em Dandara, 2021, p. 16). Nos entendemos e “não existe mesmo na história colonialista relatos de ataques e, digamos assim, de extinção massiva entre os povos africanos e dos povos originários dessa terra” (Bispo em Dandara, 2021, p. 16).

As ditas matrizes africanas mantidas nas manifestações espirituais marcam os cultivos agrícolas, da minha família. A alimentação específica dos “mais velhos”, ainda manifesta nos dias atuais, é reconhecida pelos mestres e mestras Griôs, re representam suas formas de agir e pensar. Os saberes e fazeres da arte de produzir envolvido com a mãe terra.

Eu obtive a compreensão sobre esses conhecimentos ancestrais, como formas de resistência de meu povo, nos ensinamentos mantidos por várias gerações. Segundo os

estudos de Pereira et al. (2007), o conhecimento ancestral do quilombo, sobre as espécies vegetais com potencial medicinal, é sempre referência, é sempre oral apresentada pelos “velhos e velhas” das comunidades quilombolas, que identificam as plantas com potencial curativo e alimentar. E eu sempre estive nesse meio, em biointeração.

Nasci no meio e comecei, efetivamente, minha militância no movimento quilombola em 2006, no Rio Grande do Sul. Naqueles anos tive a oportunidade de conhecer e dialogar com várias lideranças de diferentes territórios quilombolas. As aproximações, eu sou testemunha, mostraram a riqueza das práticas ancestrais em biointeração. Aprofundi meus conhecimentos sobre a alimentação típica e sobre a botânica quilombola de cada comunidade que tive acesso no estado.

As diversidades e especificidades desse plantio na Roça Quilombola tradicional me fez compreender que a cultura rural ancestral africana, trazida pelos sequestrados, foi adaptada por eles em cada território. A grande chegada africana, das comunidades forçadas pelos sequestros, no Brasil, de diversas matrizes étnicas, tornou possível proporcionar, sendo identificáveis, as várias práticas biointeração. Ato contínuo que demonstra ancestralidade como forma de vida dessas comunidades até os dias atuais.

O processo de escrita, na perspectiva da oralitura, estrutura a dissertação em partes como os capítulos das dissertações acadêmicas, mas que aqui estão mediadas pela perspectiva já desenvolvi alguma interpretação. O processo da escrita segue a ideia de Escrivivência (Evaristo, em Duarte & Nunes, 2020, p. 29-30) como um fenômeno dos sequestrados, levantando a imagem fundante do termo na grafia e no som, em seu sentido gerador que inicia a explicitação, a grande imagem da Mãe Preta, na condição de “escravizada na casa-grande”, que cuida da “prole da família colonizadora”. Essas mãos “preparava os alimentos”, “ensinava as primeiras palavras”, cerceada de “suas vontades”, sem “liberdade”, mas que fazia por suas histórias “adormecer os da casa-grande”. A Mãe Preta do fundo da memória e história desse país, que está “a força motriz para conceber, pensar, falar e desejar e ampliar a semântica do termo”. Escrivivência é “um ato de escrita”, negra e quilombola, “pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais”. É voz “de criação, de engenhosidade”, “voz de nossas ancestrais”, não mais para “adormecer os da casa-grande” é para “acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, em Duarte & Nunes, 2020, p. 30). A escrevivência é experiência, é vivência de pessoa brasileira de origem africana, da “minha origem de povos africanos, celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos” como com a os que estão aqui após sequestro. Condição “particularizada” na experiência de “nacionalidade diferenciada”,

ser um “brasileiro vivido”, como a “experiência de nacionalidade de sujeitos indígenas, ciganos, brancos etc”. O termo escrevivência invade, com a oralitura e com contracolônização, a casa-grande / a academia, partindo das experiências específicas de uma afro-brasilidade, construindo um discurso de universalidade humana (Evaristo, em Duarte & Nunes, 2020, p. 31). Eis o meu prelúdio escrito.

No primeiro momento é o caminho, que já é o segundo momento, pois este em que estamos é o primeiro, caminhar que percorremos para criar esse texto. É uma interação do eu estudante com o todo da escrita em construção.

No outro momento apresento o caminhar “com os mais velhos” esboço a metodologia de investigação que promove uma interlocução dos saberes acadêmicos com os saberes quilombolas para implementação da investigação. “Caminhando com os mais velhos” apresenta a dimensão do processo investigativo nas etapas metodológicas que tencionamos seguir.

Apresento o resultado dos trabalhos de campo, que titulamos como “o nós autoetnográficos”, pois como sou quilombola e como nos entendemos como comunidade, pretendemos apresentar sempre nesse sentido, e o caminho que percorremos é coletivo e nos presente, na proposta de investigação.

Escrevo sobre as “ancestralidades marcantes na Roça Quilombola” é fruto da interpretação desenvolvida a partir da interação com as comunidades quilombolas e sua auto-investigação sobre as dinâmicas agroecológicas que desenvolvem, é um processo coletivo é marcado pela presença atual e pelos ancestrais que configuram os resultados da investigação.

A Roça Quilombola nos mostra o caminho para a oralitura das narrativas e interpretações dos dados. O estudo dos dados é uma marca bem forte da ação catequizante da academia, que exercemos o processo de ruptura a partir da oralitura, a expressão escrita das narrativas de quilombolas com quem nos envolvemos nesse estudo.

No final envolvo a explicitação não terminal, mas inicial de “um novo Itan”, uma nova história mítica ancestral. O pensamento se estrutura na interação dos que entes das roças quilombolas com os entes humanos, no universo da existência física, desse mundo, que chamo de *Aiyê*, como os ancestrais. A nova história fixa os conhecimentos oriundos da oralitura que consolida o estar quilombola no universo da pós-graduação. As novas histórias assim se fixam em uma nova forma que é a escrita, nada é totalmente novo para os quilombolas, pois há uma circularidade e esse marca um contínuo ancestral e presente no mundo. As vozes africanas aparecem nesse momento e escrevem o texto, pois um quilombola

nunca está só, sempre está acompanhado dos que estavam aqui antes e dos que irão se fazer presentes no futuro.

## O caminho proposto para o texto dissertativo

“As letras são sementes e, quando eu escrevo, eu estou semeando letras sementes que vão germinar em forma de palavras nas bocas de várias pessoas” (Nego Bispo, conf. Dornelles, 2021, p. 20).

“O contracolonialismo não é um ataque, ao contrário, é uma defesa” (Nego Bispo, Dornelles, 2021, p. 22). O colonialismo é vertedouro do racismo, já fazem mais de 500 anos. O racismo é inegável, o racismo é sistêmico na sociedade brasileira. A apresentação do estudo mostra muitas formas de pensar que ainda estão na academia e que por certo tiveram sua gênese no campo de estudo, nesse caso, nos territórios quilombolas e de comunidades tradicionais do meio rural. A vertente original foi negada e torcida na academia, mas seu cerne ainda está lá e nesse sentido, num movimento contracolonialista me sirvo desses termos para apresentar esse texto. Assim agroecologia, etnobotânica, agricultura e tantos outros estarão aqui presentes, pois estou me inspirando na capacidade, iniciada pelo Mestre Griô Nego Bispo, de recriar termos a partir de minha prática. O esforço está presente. A ancestralidade me guia, como guiaram àqueles que estiveram aqui no *Aiyê* antes de mim, que são o sentido dessa escrita.

As problemáticas dessa investigação mostram parte dos efeitos causados pelo racismo estrutural, ambiental, fundiário e institucional. Mas ao ponto sempre há um contraponto e as comunidades quilombolas no Brasil que sofrem, de forma escancarada historicamente e até dias atuais os efeitos desse racismo, lutam, como sempre lutaram contra esse colonialismo. A pesquisa percebe o cenário brasileiro de exclusão e luta antirracista promovida sempre desde os primeiros quilombos no país.

O estudo foca o arcabouço das práticas nas Roças Quilombolas na metade Sul do Rio Grande do Sul. A biointeração na Roça Quilombola é utilizada historicamente para a sobrevivência, mas é forma evidente da resistência nos territórios ao longo dos séculos. Afirmo isso com base em meu conhecimento acadêmico envolvido no curso superior que realizei. Segundo Fonseca e outros (2020), a Agroecologia Quilombola, que chamo de Roça Quilombola, apresenta características como a tradição cultural, o patrimônio identitário, a

noção de territorialidade, de “religiosidade”<sup>2</sup>, pela ancestralidade africana, com reciprocidade, etnicidade, cuja culinária específica é de conexão plena com a natureza, sem separação desta, pois esta é ancestral, é de onde viemos (Anjos & Silva, 2004).

A interação dos quilombos com as sociedades envolventes é marcada pelo racismo e que atinge diretamente a territorialidade, a Roça Quilombola, por excelência. Segundo Castro (2021) o racismo, ligado aos sistemas alimentares, implementa uma narrativa que rotula tudo o que se produz nos territórios negros e indígenas como obsoletos e sem valor. As cosmogonias africanas, que pesquiso neste momento e pude verificar como quilombola que estas marcam os cultivos agrícolas quilombolas, a Roça Quilombola. O estudo então se dedica a identificar os vestígios dessa cosmogonia africana na produção quilombola na biointeração. As produções foram adaptadas em seus territórios, observando as técnicas de manejo do solo rico em “axé”, com as sementes crioulas das plantas cultivadas, com a etnobotânica, sendo esse conceito descrito por Martins e outros (2005, p. 21):

A etnobotânica analisa e estuda informações populares que o homem tem sobre o uso das plantas. É através dela que se mostra o perfil de uma comunidade e seus usos em relação às plantas, pois cada comunidade tem seus costumes e peculiaridades, visando extrair informações que possam ser benéficas sobre usos medicinais de plantas.

Percebo as transformações estruturais no contexto rural diverso. As memórias ancestrais dos cultivos, nos diferentes territórios quilombolas na região sul do estado do Rio Grande do Sul, aparecem como biointeração. Os quilombolas servem-se de saber-fazer como forma de resistência multissecular. As potencialidades e as especificidades que envolvem a ancestralidade e na etnicidade, marcada pela africanidade, trazida no processo de transmigração humana forçada para a América, onde a cosmogonia constitui a sabedoria que é perpetuada pela oralidade.

Reapresentar os vestígios africanos na vida agrícola, mostram formas adaptadas nos territórios brasileiros, daquelas trazidas pelas pessoas sequestradas no continente africano,

---

<sup>2</sup> O termo religião e religiosidade será empregado por ser usual, mas cabe destacar que as cosmogonias africanas não são religáveis, elas constituem o ser africano no Brasil, no entanto, cabe dizer que há uma consolidação da ideia das “religiões de matriz africana”, como uma forma de ser na existência negra no Brasil, essa forma é colonialista, pois unifica de forma redutora uma ampla diversidade de cosmogonias apresentadas no país, considerando as diversidades ancestrais dos sequestrados desde o século XV no continente africano.

O termo agroecologia, que substituímos por Roça Quilombola e Biointeração, foi cunhado com o objetivo de valorização dos saberes e fazeres locais na interação com o pensamento científico ocidental. A agroecologia sendo uma forma de agricultura baseada na proteção da biodiversidade ecológica e da diversidade sociocultural, incorporando dimensões ambientais, econômicas e éticas, com enfoque de um agroecossistema sustentável (Vargas et.al. 2013).

cujos representantes são de diferentes etnias, aqui focado nos Quilombos, localizados na região sul do estado.

Fidelis (2011, p. 68), afirma que

o que se considera importante são os cultivos, a preservação e a adequação das sementes por gerações e gerações em poder dos agricultores do quilombo, sendo que todas mantêm um bom vigor germinativo no seu sistema de cultivo. A comunidade desenvolveu, durante dois séculos, nas áreas onde está assentada, estratégias que lhe garantiram o sucesso por meio da prática da agricultura. E isso se deve à posse das sementes, dos conhecimentos e de seus saberes tradicionais. Carece, portanto, que esses acúmulos de conhecimentos sejam estudados e entendidos para que sejam preservados e, com isso, que seja possível lhes dar o devido valor.

A identidade étnica que os cultivos preservam, como diz a autora, é marcada no uso permanente de sementes mantidas por gerações de quilombolas. Sementes essas que adaptadas a cada área “mantêm um bom vigor germinativo”. As sementes não são só os biofatos (Funari, 2010)<sup>3</sup>, são recursos da natureza que possuem valores religiosos e culturais, sendo sementes de pensamentos ancestrais, perpetuados num bom “sistema de cultivo”. As comunidades se envolvem por séculos na produção, e nessas centenas de anos nos novos assentamentos quilombolas, onde marcam por estratégias nas práticas agrícolas. O domínio da semente biológica como da semente social mantém os conhecimentos e saberes tradicionais. Conhecimentos que eu estou estudando para apoiar o processo de preservação pelo seu profundo e fundamental valor na existência quilombola.

As técnicas de manejo do solo rico em “axé” (Sodre, 2019), que apresenta a força, o ânimo, a energia, perpetuadoras da existência, que estão nas sementes sociais e nas sementes crioulas, nas plantas e nos animais.

O “axé”, em evidência, está nas interações passíveis dos processos de cura, através das ervas medicinais e das benzedeiras, culinárias específicas, nas manifestações cosmogônicas africanas, na ancestralidade, na etnicidade e no bem viver. Resistências e persistências que as comunidades quilombolas utilizam ao longo dos séculos em seus territórios.

As práticas das populações tradicionais camponesas de comunidades negras, destacando os aspectos que podem dar pistas sobre como o conhecimento herdado, transmitido ao longo dos anos, pode ser útil para os dias atuais. Vários autores têm demonstrado a importância do conhecimento tradicional, do estudo do modo de produção dessas populações, como sendo de fundamental importância na compreensão das atuais formas de manejo dos sistemas produtivo e da comercialização camponesa e das formas de

---

<sup>3</sup> Biofatos são vestígios do ambiente e restos de animais que foram apropriados pelo ser humano (Funari, 2010)

resistência características de um modelo de produtivo sustentável, em contraponto ao convencional, baseado na monocultura de exportação (De Araújo, 2012).

As ditas práticas tradicionais negras camponesas, como enfatiza a autora Marli Gondim de Araújo é Doutora em Geografia Agrária e Cultural pela Universidade Federal de Pernambuco (2021), apresentam aspectos dos conhecimentos herdados expressos nos modos de produzir dessas populações, no manejo dos sistemas produtivos e de interação com a sociedade envolvente, como o comércio, mantendo a resistência característica do modelo de produtivo sustentável do pluriverso sendo esse uma teia de conhecimentos recíproco, que a apresentação cosmogônica africana demonstra.

A agricultura familiar das comunidades quilombolas do Rio Grande do Sul sustentou as negras pessoas nos territórios em investigação. A inserção dos agricultores quilombolas no universo das políticas públicas permite acesso aos mercados institucionais, nas cadeias curtas de comercialização. Várias outras políticas voltadas para agricultura familiar excluíram por anos os quilombos. A partir da valorização dos quilombolas, tais políticas podem assegurar o envolvimento e a continuidade deste saber/fazer/tradicional quilombola.

As problemáticas da pesquisa são os efeitos causados pelo racismo estrutural, pelo racismo ambiental, pelo racismo fundiário e pelo racismo institucional. As comunidades quilombolas no Brasil sofrem todas essas formas de racismo. Racismo escancarado na história até os dias atuais.

Os racismos servem para a exclusão e expulsão dos negros de seus territórios. O apagamento cultural, invisibilidade dos modos de vida e apropriações por outros das práticas ancestrais biointerativas mostram de forma evidente esse processo. As práticas que evidenciam a exclusão do negro, mesmo sendo esse povo o detentor de saberes e fazeres específicos, fruto do envolvimento em cada quilombo desse país. O mostrar e colocar em evidencia, no cenário acadêmico brasileiro e de toda a sociedade, o arcabouço de práticas biointerativas que, os quilombos da metade sul do Rio Grande do Sul, dá sentido a este estudo. É possível administra uma luta contracolonialista que futuramente não permitirá mais essa exclusão.

Os territórios são espaços de vida, do visível e do invisível, espaços de ancestralidades africanas e indígenas, de reciprocidades e de cosmogonias. A culinária específica desses povos tradicionais e os processos de cura através das ervas medicinais, são passíveis de investigação. Se faz necessário evidenciar a etnicidade de seus cultivos biointerativos. São esses e outros motivos que me conduzem na pesquisa. Realizar o mestrado num espaço propício, para mostrar à sociedade que os territórios quilombolas são

detentores de conhecimentos ancestrais, históricos e fundamentais, ainda pouco estudados e catalogados. Nesse processo apresento o biointerativo quilombola, que me traz, que é marcado pelos ancestrais, que me antecederam e são o sentido dessa ação.

A biointerativa quilombola não é muito reconhecida, no cenário agrícola brasileiro. A invisibilidade não é por acaso, está relacionada com o sistema escravocrata que marca o país e se estende por mais de três séculos. Ainda, em pleno século XXI, faz-se necessário apresentar esse conhecimento que ainda está restrito aos quilombolas.

Observo que a escravidão deixou muitas cicatrizes na sociedade brasileira, de maneira explícita, servem para a exclusão dos quilombos, do acesso as riquezas que produzem para o país. Segundo os estudos de Castro (2021), sobre racismo e sistemas alimentares, existe uma narrativa racista que rotula tudo que se produz nos territórios negros e indígenas como obsoleto e sem valor.

No Brasil são encontrados poucos estudos acadêmicos relacionados à Agroecologia quilombola, podemos ainda destacar que as instituições de pesquisas e de assistência técnica tratam os agricultores quilombolas agroecológicos como um agricultor familiar comum não levando em consideração suas especificidades que envolvem toda uma ancestralidade, etnicidade, africanidade, religiosidade, sabedoria e oralidade como forma de resistência, que, vem se perpetuando nas comunidades quilombolas através dos Griôs sendo o quilombola mais velho do quilombo, servindo como uma sinergia com a natureza (FONSECA et al, p.11, 2021).

A estratégia do capital agrário é de diminuir a importância desses modos de vida e sua organização social. A pesquisa sobre a importância da biointeratividade quilombola, no Rio Grande do Sul, é vital. Os entraves segregacionistas vigentes, como o racismo fundiário e ambiental, que juntos preconizam a diminuição e perda dos seus territórios, o amplia a necessidade do estudo e evidênciação. A injustiça social e ambiental que recai de forma desproporcional contra os povos tradicionais. Esses povos tentam manter os saberes/fazeres/tradicionais a muitas custas. Marcante a ancestralidade africana em seus cultivos biointerativos serem presumíveis dos processos de trabalho que homens e mulheres negras se envolveram em realizar por centenas de anos, mesmo assim são invisibilizados. Assim essa investigação apresenta a problemática do racismo presente em toda a interação com a sociedade envolvente, a presente pesquisa aprofunda na bibliografia mesmo com poucos estudos acadêmicos referentes agroecologia quilombola no Rio Grande do Sul.

Investigo de forma interseccional as práticas biointerativas quilombolas, com seus saberes/fazeres tradicionais em diferentes comunidades quilombolas localizados na metade sul do Rio Grande do Sul, valorizando o conhecimento ancestral de cada agricultor e

agricultora quilombola pesquisada, de formar horizontalizada e circular. Para tanto apresento a ancestralidade nas técnicas e práticas desenvolvidas na Roça Quilombola como estratégia de sobrevivência e resistência secular em cada território quilombola. Atuo no sentido de descrever a importância dos conhecimentos tradicionais sobre ervas medicinais, benzeduras e simpatias para o processo de cura, sendo esses conhecimentos repassados entre as gerações. Conduzo a pesquisa para demonstrar as variedades de alimentos cultivados e a culinária específica de cada comunidade quilombola pesquisada. Tudo isso fruto dos conhecimentos dos Griôs (a) sobre o tempo e espaço em seus cultivos na Roça Quilombola.

As formas de acesso do agricultor quilombola às políticas públicas voltadas para agricultura familiar, priorizando os conhecimentos tradicionais para o fortalecimento do território, ainda estão para serem trabalhadas. O estudo que se apresenta não terá como expor de forma evidente essa situação, mas de forma metódica a pesquisa etnográfica e pela escrevivência (Evaristo, em Duarte & Nunes, 2020) permite essa oralitura (Oliveira, 2022). A investigação abarca a consulta bibliográfica, a autobiografia ou autoetnografia (Medeiros, 2022), o diagnóstico de campo, as entrevistas semiestruturadas, o estudo etnográfico, as observações de campo em uma proposta de observação participante, os levantamentos de indicadores qualitativos, sociais, culturais, econômicos e ambientais com interlocutores.

O grupo principal de interlocução são os Griôs e agricultores biointerativos quilombolas. Utilizei de técnicas para registrar os dados coletados, englobando diário de campo, blocos de notas, fotografias, documentos, gravação dos relatos em áudios e audiovisual e transcrição das entrevistas.

A pesquisa percebe transformações estruturais, com o envolvimento rural diverso dos quilombolas. Quero evidenciar memórias ancestrais de práticas de cultivos em diferentes territórios quilombolas no Sul do Rio Grande do Sul. Fazer uma abordagem sobre a agroecologia quilombola como uma das formas de resistência multissecular, difundindo e mensurando as potencialidades, especificidades que envolvem toda uma “ancestralidade, etnicidade, africanidade, religiosidade, sabedoria e oralidade quilombola”. Pretendo colocar em evidência, rerepresentando vestígios africanos das técnicas agrícolas de produção e manejo dos cultivos. Quero mostrar as formas de adaptação nos territórios brasileiros dessa grande diáspora africana de pessoas sequestrada para o Brasil oriundas de diferentes etnias, principalmente nos Quilombos, localizados em nossa região.

Evidência Fidelis (2011, p. 68):

Mas o que se considera importante são os cultivos, a preservação e a adequação das sementes por gerações e gerações em poder dos agricultores do quilombo, sendo

que todas mantêm um bom vigor germinativo no seu sistema de cultivo. A comunidade desenvolveu, durante dois séculos, nas áreas onde está assentada, estratégias que lhe garantiram o sucesso por meio da prática da agricultura. E isso se deve à posse das sementes, dos conhecimentos e de seus saberes tradicionais. Carece, portanto, que esses acúmulos de conhecimentos sejam estudados e entendidos para que sejam preservados e, com isso, que seja possível lhes dar o devido valor.

Os cultivos preservados nos quilombos do sul do Brasil, adequados pelas sementes locais, e mantidos por gerações, apresentam esse poder quilombola de biointeratividade, o poder da Roça Quilombola. O vigor germinativo, de cultivos milenares e outros centenários, mantidos por essas comunidades, envolvem estratégias de sucesso em assentamentos muitas vezes difíceis, por estarem em topos de morros, áreas pedregosas, mas a prática da Roça Quilombola faz manter a produção. As sementes do conhecimento e os saberes tradicionais, mostram e mantêm o caminho da vida nos quilombos, esse é o valor que permite a existência no *Aiyê*.

As técnicas de manejo do solo rico em “axé”, as sementes crioulas, as plantas e os animais, são passíveis nos processos de cura, através das ervas medicinais e das benzedadeiras, culinárias específicas, religiões de matriz africana, ancestralidade, etnicidade e o bem viver. Algumas das formas de resistências e sobrevivência que as comunidades quilombolas veem utilizando ao longo dos anos em seus territórios.

(...) as práticas das populações tradicionais camponesas de comunidades negras, destacando os aspectos que podem dar pistas sobre como o conhecimento herdado, transmitido ao longo dos anos, pode ser útil para os dias atuais. Vários autores têm demonstrado a importância do conhecimento tradicional, do estudo do modo de produção dessas populações, como sendo de fundamental importância na compreensão das atuais formas de manejo dos sistemas produtivos e da comercialização camponesa e das formas de resistência características de um modelo de produtivo sustentável, em contraponto ao convencional, baseado na monocultura de exportação (De Araújo, 2012, p. 2).

As políticas públicas voltadas para agricultura familiar atingem as comunidades quilombolas do Rio Grande do Sul, para a segurança desse povo em seus territórios investigar a inserção dos agricultores quilombolas (a) se estão de fato sendo contemplados para o acesso aos mercados institucionais, as cadeias curtas de comercialização e várias outras políticas públicas voltadas para agricultura familiar que por longos anos os quilombos foram excluídos de tais políticas se faz necessário uma busca incessante e só assim assegurar o desenvolvimento e continuidade deste saber/fazer/tradicional quilombola.

O meu trabalho etnográfico olha para a comunidade Quilombola Passo do Lourenço e Arredores, localizada no município de Canguçu/RS. Dados levantados por entrevistas com

lideranças quilombolas e os mais velhos<sup>4</sup>. O átomo de parentesco de Lévi-Strauss (1984), se apresenta e me envolve na estrutura familiar de meu processo biológico de consanguinidade.

Os ancestrais me trouxeram até aqui, mas focando nos quilombos vejo a importância de apresentar a metodologia de pesquisa no promover a interlocução dos saberes acadêmicos com os saberes quilombolas no caminhar “com os mais velhos” na dimensão das etapas metodológicas que segui, como vemos a seguir.

---

<sup>4</sup> Os narradores contatados aceitaram que seus nomes fossem apresentados neste texto, assinando o Termo Livre e Esclarecido, ou através de gravação da aceitação do uso, durante as entrevistas.

### **Caminhando com os mais velhos**

A constituição de um método de pesquisa no universo antropológico está imbricada nas relações que se estabelecerão durante o desenvolvimento da investigação. O pesquisador é um quilombola e, como tal, reconhece que é necessário compartilhar os conhecimentos seculares das populações tradicionais em que se insere à pesquisa com os saberes em constante articulação da ciência antropológica. A presença de escritas anteriores, que dão sustentação a minha escrita acontece pela recepção, o prestar atenção, o refletir, sobre o que os mais velhos escreveram e contaram, assim caminho com alguns, mais velhos, para apresentar minha escrita.

O trabalho de aproximação acadêmica com a temática foi proporcionado a partir de uma série bibliográfica que nos instrumentalizou na criação da proposta de investigação. Nesse sentido, apresento uma síntese da bibliografia entendida como fundamental em um promover a investigação. Priorizei alguns trabalhos mais recentes que tratam sobre a agroecologia desenvolvida em contexto de quilombos e métodos acadêmicos de investigação antropológica.

O estudo de textos tradicionais permitiram rever questões ligadas à dita agroecologia, como Quadros e outros (2021) que refletem sobre um quilombola como camponês, no contexto rural brasileiro, permanecendo em meio às tensões políticas e de pensamentos que tentam envolvê-los na agricultura familiar. As comunidades quilombolas emergentes, como outras comunidades negras rurais, forçam sua entrada no quadro das políticas públicas, no Brasil, pois até certo momento essas não estão nos estudos sobre a ruralidade brasileira. Marli Gondim de Araújo (2012) trabalha com uma comunidade quilombola, que luta em meio a essas novas perspectivas para considerar a territorialidade, a identidade quilombola e a potencialidade afro-agroecológicas. Assim ainda mostra uma certa colonialidade no pensamento, mas traz “indícios” do conhecimento herdado pela oralidade ao longo dos anos, e cuja ancestralidade se mostra como a força da proteção. Vivian Delfino Motta (2020) trabalha com agroecologia, feminismo e questões raciais no campo e na cidade, focada na episteme agroecológica em diferentes territórios quilombolas no país em seu artigo “Por uma Agroecologia Antirracista”, indica que a agroecologia nos territórios valoriza a

ancestralidade, que possa ser sentida pela memória do corpo, visibilizando o bem viver das comunidades tradicionais brasileiras e também as comunidades espalhadas por toda América Latina. O antirracismo não é apenas constatar o racismo e indicar que ele existe, mas é importante combater o racismo, e as escritas ainda colonialistas promovem mais o racismo que o antirracismo. A luta dessa autora inspira a vontade de continuar a luta, pois quando atacamos uma mulher negra no campo, atacamos a permanência territorial quilombola como um todo.

A Agroecologia Quilombola, que era até esse momento entendida como solução para as mazelas de uma agricultura destrutiva promovida pelos grandes latifúndios, é mostrada como saída, mas apropriada ainda pela academia colonialista. Fonseca (2020), percebe a tradição cultural, o patrimonial indenitário, a territorialidade, a religiosidade, a ancestralidade africana, a reciprocidade, a culinária específica e a conexão plena com a natureza, como viés preservador dos próprios quilombos. A oralidade nos processos de manutenção dos saberes e fazeres. Atribuem aos mais velhos, aos mestres e mestras Griô's, a manutenção e perpetuação do conhecimento entre gerações. As técnicas de cultivo, manejo de solo, conservação de sementes e das águas, o conhecimento profundo das ervas medicinais, também da flora e fauna específica de cada território quilombola no Brasil está na mão dos “mais velhos”

O estudo de etnobotânicas e dinâmicas socioambientais em quilombo, de Joyce Rocha (2011), estuda as espécies vegetais no estado do Rio de Janeiro. Mostra o saber empírico dos quilombolas compreende de forma multidimensional a agroecologia. Ou seja, cultiva ainda a ideia colonialista, mas apresenta a relevância histórica de conhecimentos, cultura e costumes das nossas comunidades.

Os estudos demonstram intensamente a importância deste texto, por fundamentar a relevância histórica, ao mostrar uma pequena, porém imensa amostra dos conhecimentos de meu povo. O meu povo que fez e continua fazendo história através de seus conhecimentos, cultura e costumes. Esses que passam de geração a geração, ficando como um rasgo na realidade contínua das nossas comunidades.

O pesquisador em formação percebe que apesar do passo significativo na apresentação dos conhecimentos ancestrais na organização da vida quilombola ainda expressam formas colonialistas de apropriação desses saberes envolvendo-os com termos cunhados pelo pensamento colonial, colonizador, que toma para si o saber dos outros. A sabedoria de Nego Bispo, de Cicero Oliveira, de Marielda Medeiros, das lideranças

quilombolas de minha região, mostram o quanto ainda é importante marcar as escritas com nossos termos, nossos pensamentos, nossas formas de escrever e viver a existência no *Aiyê*.

A escrita não nega esses precursores, mas quer com Evaristo (em Duarte & Nunes, 2020) aprofundar essa perspectiva dos que me antecederam, no caminho que trilho e quero continuar trilhando, do mestrado ao doutorado e mais que estiver para frente. A experiência com a escrita que salva do adoecimento, no esforço para passar para o papel (mesmo nessa forma eletrônica) a vivência, que cabe mais em mim, avançando sobre nossas memórias coletivas que muitas vezes são percebidas por um narrador, mas que são do coletivo, pois nos quilombos vivemos coletivamente em comunidade. O texto surge de meu convívio com os mais velhos, que falam, contam e mostram o que são as coisas e como sempre foram e como devem continuar sendo.

Os meus escritos seguem esse curso das narrativas como a semente das memórias, que estão fundeadas no universo mais amplo do saber quilombola. A escrevivência que cria esse texto, é feito a partir de alguns lugares específicos, mas que nos apresentam, nos comunicam, que nos mostram e que podem ser lidos por nós (Evaristo, em Duarte & Nunes, 2020, p. 33). É no entanto, importante, trazer aqueles que nos apoiam nisso, como o senhor encantada em 2006, brasileiro, Roberto Cardoso de Oliveira, expoente da Teoria Antropológica Brasileira. A investigação é feita a partir da interlocução com métodos já consagrados de “olhar, ouvir e escrever” (Oliveira, 1996) com as dinâmicas ancestrais de explicitação dos saberes dos “mais velhos”, que perpetuam os conhecimentos ancestrais de forma circular nas comunidades quilombolas.

Roberto Cardoso de Oliveira (1996, p. 31) indica que sua forma de atuar deve sempre ser tematizada ou questionada “enquanto etapas de constituição do conhecimento pela pesquisa empírica”, pois a cada grupo humano essa relação do investigador se transforma pelo grupo em interação. O autor imagina ainda, contribuir na ampliação da interdisciplinaridade que é necessária à investigação antropológica. Nesse exercício de ampliação, oferecemos a perspectiva dos saberes de nossos mais antigos que evidenciam uma construção empírica de muitos anos de interação com o ambiente, nas oralituras (Oliveira et al., 2022) dos mais velhos das comunidades em investigação.

Shah e outros (2020) me ajudam a perceber que a observação participante não é meramente um método antropológico, mas sim uma produção de conhecimento, através do ser e da ação, envolvendo a longa duração, envolvendo as relações sociais de um grupo de pessoas, envolvendo pessoas em processos sociais, o holismo que escuda os aspectos da vida social, na relação dialética entre intimidade e estranhamento. Esse estranhamento não se dá

para o quilombo, se dá para a academia, contrariando os autores que cito. Eu entre os meus não me estranho, mas me estranho com os pensamentos acadêmicos sobre nós. Como se fossemos seres fora do mundo, vivendo precariamente, num mundo encantado longe de tudo e de todos. Não somos isso, somos entes em interação, mas nossos costumes são diferentes, são mais próximos dos indígenas, que dos homens da cidade petrificada.

A pesquisa, no entanto, está na academia e a forma metódica há de ser utilizada. Forma que está diretamente ligada aos objetivos, através de pesquisa qualitativa, métodos etnográficos e métodos populares desenvolvidos nos próprios quilombos. A investigação abarca a consulta aos textos que já estamos discutindo e novos que surgem. A pesquisa se vale daquela autobiografia (ou autoetnografia) - pois sou um quilombola com Formação Agroecológica (biointeratividade). Realizei o diagnóstico de campo, as entrevistas semiestruturadas, o estudo etnográfico, as observações na vivência quilombola e na ação política. É, como nos disseram (Shah et. al., 2020), uma proposta de observação participante onde os mais velhos incidem sobre os caminhos da investigação e os levantamentos de indicadores qualitativos apresentados pelos interlocutores.

O grupo principal de interlocução, os Griôs e agricultores biointerativos quilombolas, foram envolvidos pelas formas acadêmicas de pesquisa. Utilizei técnicas de registro dos dados, envolvendo diário de campo, blocos de notas, fotografias, documentos, gravação dos relatos em áudios e audiovisual e transcrição das entrevistas.

Oliveira (1996) apresenta o olhar, ouvir e escrever como três momentos estratégicos do trabalho antropológico concreto no universo empírico, na etnografia, e reconhece o autor que para sua eficácia de realização, o antropólogo, deve realizar a reflexão no universo da ação. O autor observa que o olhar e o ouvir etnográfico são básicos na pesquisa empírica, sempre em reflexão em constantes retornos, percebe também que o escrever é o momento da interpretação que permite a textualização de uma realidade sociocultural sem perder a criatividade do pensamento do investigador.

A ação etnográfica é envolvida pela oralitura. A oralitura (literatura oral), rerepresentada por Cícero Ney Pereira de Oliveira (2022) na sua proposta de uma Arqueologia Zumbérica, é uma posição ancestral que preserva e combate os descartes constantes que o colonialismo faz das “narrativas negras”, “centradas na forma negra de pensar”, que permite a escrita no ato que evidencia que o “caminhar é se conhecer”. A oralitura dos mais velhos nos quilombos está aqui permeada pelo autoconhecimento do quilombola que realiza a investigação, é, como diz Cícero Oliveira (2022), o ato de se autoetnografar, “nas

encruzilhadas não há ‘eu’ sempre nos há, e o nós está nos ancestrais e nos mais velhos que nos conduzem aos saberes ancestrais.

A sabedoria a ser investigada, para Oliveira (2022, p. 17), aparece como interpretação, “para nós um saber no mundo”, como “narrativas descritivas cujas reflexões sobre o vivido descrevem experiências culturais”, a narrativa autoetnográfica, “na leitura ainda acadêmica”, das impressões que nós aprendemos com os nossos “processos históricos” e nossos saberes que descrevem as experiências, “como método do fazer antirracista”, na oralitura antropológica, na “sensibilidade e intelecto, subjetividade etnográfica e autobiográfica da arte de viver como negros no Brasil”, a “negra existência brasílica” na “consciência sócio racial na prática libertadora e emancipatória da nossa identidade racial como escolha na descrição de nossas trajetórias negras”.

A interdisciplinaridade das escritas acadêmicas e das oralituras autoetnográficas do “nós quilombolas”, marcam essas interlocuções na construção da escrita etnográfica que pretendemos realizar sobre a questão agroecológica nos quilombos em destaque.

O meu trabalho etnográfico foca na formação da comunidade Quilombola Passo do Lourenço e Arredores, localizada no município de Canguçu-RS e na comunidade de Vó Elvira. Os dados levantados tiveram como método as entrevistas semiestruturadas, que fiz com as lideranças e com representantes das comunidades. No diálogo com esses atores pude observar nas suas falas a forte presença da “as estruturas elementares do parentesco”, de Lévi-Strauss (1982), que enxerga a construção familiar para além dos processos biológicos de consanguinidade. Apresento o lugar onde se constitui a oralitura de minha escrivivência as comunidades quilombolas do Passo do Loureço e Vó Elvira.

## **O nós autoetnográfico**

A pesquisa dos lugares e das pessoas é parte dessa oralitura e ecrevivência que venho apresentando até esse momento. A descrição afrocentrada dessa comunidade permite sentir um pouco desse universo que é um quilombo e suas interações biointerativas quilombolas.

O caminho da investigação passa pelas comunidades, em que as pessoas estão e que envolvem seus projetos de vida no contexto rural, integradas aos processos antigos de interlocução com os não humanos e com as ditas “coisas”. Os universos materiais tangíveis que constituem o ambiente onde se vive e suas formas de interação com os humanos. O quilombo é uma comunidade, a forma de constituição é coletiva, quando nos colocamos como remanescentes de quilombos, como foi indicado na Constituição Federal de 1988, nos colocamos coletivamente, essa é uma prática ancestral.

### *O Quilombo Vó Elvira*

Eu sou quilombola da comunidade *Vó Elvira*. Essa comunidade, junto à Fundação Palmares, apresenta o número de registro 0526. Está localizada na Cidade de Pelotas no estado do Rio Grande do Sul, ela foi criada junto a esse órgão em 2010. A sua localização mais precisa é na localidade de Monte Bonito, 9º Distrito de Pelotas (RS). Assim como outras essa comunidade sobreviveu à discriminação, às injustiças, à invisibilidade e ao abandono do poder público (Surita, 2010). Atualmente, o quilombo tem um total de 60 famílias quilombolas. A comunidade a que pertenço entra no contexto das áreas em investigação.

*Figura 1-Foto de Vó Elvira( capturada de vídeo-Testemunho de Vó Elvira, 2023- Canal Quilombo Vó Elvira- YouTube)*



A pesquisa realizada pela bióloga Stefanie Mena (2023) indica que esse quilombo se forma como outros da região ainda durante o período escravista ligado ao contexto das charqueadas, onde as violências e imposições cotidianas eram consideradas menos favoráveis que em outros espaços escravistas. A charqueada matava muitos devido a contínua exposição ao sal, além dos maus tratos e outras violências. Os matos da Serra dos Tapes, no Arroio Quilombo, no Passo dos Negros e tantos outros serviram para esconder um grande número de fugitivos (CAPA, 2010). Assim surge o quilombos de Vó Elvira como tantos outros.

O caminho do Arroio Quilombo encontramos ainda hoje esses remanescentes na comunidade de Vó Elvira. Minha irmã de sangue Leandra Fonseca (2020) em seu estudo, dissertação na Antropologia da UFPel, trata sobre as lideranças femininas quilombolas. Leandra Fonseca indica a trajetória de vida de nossa vó Elvira Lima Soares, nome que serviu a identificação do quilombo “Vó Elvira”, é marcada pelo processo escravista.

Vó Elvira faleceu em 2014, com 94 anos, descendente de escravizados sentiu na pele as agruras da exclusão. Elvira viveu em regime análogo a escravidão, mas sempre lutou contra as constantes violências, migrando entre espaços na Serra dos Tapes.

“Era de palha, barreado, não era de tábuas, nem de tijolo, era barreado com barro... do Arroio do Padre vim viver na terra do Governo, aí no Monte Bonito, pois lá eles judiavam muito, de nós lá, e lá era como no tempo dos escravos, trabalhava muito,

tudo brabo, eles eram brabos com a gente, ... aquele lugar ruim, ruim assim, ... era com a família, eram três, eu tinha casa e eles moravam junto, ... e colocavam a gente para dormir em lugar ruim, ... botavam até para dormir no banheiro, ... judiavam muito, não botavam em lugar que prestasse, ... tudo castigado, ... um palanque cravado no chão e atavam assim, pegavam eles e atavam, ...fazia tudo de graça... eles me davam comida no corredor da casa ...”(Memórias expressas por Vó Elvira - “Testemunho de ‘Vó Elvira” – Canal Quilombo Vó Elvira – Edição Eder Ribeiro e Cláudio Carle, 2023 – [www.youtube.com/watch?v=P18xeJCND4w](http://www.youtube.com/watch?v=P18xeJCND4w)).

A luta de Vó Elvira na região, os seus ensinamentos e benzimentos, levaram a comunidade em reconhecer o seu valor e em sua homenagem a localidade, em 2010, no 9º Distrito de Pelotas, em Monte Bonito, recebe seu nome na Carta de Auto Reconhecimento elaborada pela Fundação Palmares. A Associação Quilombola Vó Elvira foi certificada como remanescentes de quilombo. Com cerca de 120 anos de ocupação do espaço é reconhecida com base no Art. 2º, do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003 (Mena, 2023, p. 26-27).

*Figura 2- Fotografia da Vó Elvira ( Fonte: Acervo familiar dos Fonseca,2023-Mena, p. 26).*



*Figura 3-Fotografia da comunidade com a Vó Elvira sentada ao centro( Imagem cedida pelos quilombolas-*



A Dona Elvira Lima Soares, é filha de Paulo Soares e Inácia Lima, que teriam morrido com mais de 100 anos de idade, entre seus descendentes estão outras famílias que se reuniram (famílias Soares, Silveira, Freitas, Silva). Vieram de municípios próximos, como Arroio do Padre, Canguçu, Piratini e mais distantes como Cruz Alta (CAPA, 2010, p. 22). A comunidade de Vó Elvira é dispersa em várias casas com quintais amplos, estando entre propriedades de outras pessoas não negras. A área antigamente era utilizada para extração de pedras por uma Companhia Francesa, que estava envolvida na construção do Porto de Rio Grande, que dista 60 km da área. É possível que essa pedreira tenha fornecido também materiais para a construção dos moles que fixam a entrada do mar para Laguna dos Patos em Rio Grande.

“As propriedades semi-cercadas constituem espaços de criação de animais e plantio de hortas” (Mena, 2023, p. 27). Essa estrutura lida como quintal pela bióloga é em realidade a Roça Quilombola, que envolve jardins e espaços contíguos às casas de moradia dos quilombolas. Na Roça Quilombola se permite e controla o crescimento de plantas ornamentais, mas se dá prioridade aos alimentos e com excelência as plantas medicinais (Mena, 2023, p. 26-27).

Vanda Ribeiro Fonseca, de 77 anos, uma das moradoras mais velhas do quilombo, afirma que por muitos anos ela não sabia o que era ser quilombola e sua importância, e agora para ela é um orgulho em dizer eu uma mulher quilombola, que pertence e vive no quilombo,

que carrega o nome de sua mãe. “Por muito tempo a gente quilombola não tinha valor só servia pra trabalhar de empregado nas lavouras e serviços de doméstica”..., “poucos de nós frequentava a escola não tínhamos oportunidade de melhorar de vida, ninguém dava bola pra negro, depois que entrou o governo Lula a nossa comunidade foi reconhecida e ser valorizados, hoje em dia temos varias pessoa do quilombo”, ... “formadas , estudando e fazendo faculdade, isso é muito importante pra mim” - relatou dona Vanda (Relato de Dna. Vanda, Caderno de Campo – Eder Fonseca, 2024).

Relata, entre seus saberes de Dona Vanda, que

“Conheço bastante chá. Eu conheço bastante chá e sei benzer, sei benzer alguma coisa, né; Aí agora já estou meio de idade, já muitas coisas estou meia esquecida por causa da idade, né; Muito sofrimento. Trabalhei muito no brabo, serviço muito brabo na lavoura, em geadas com sol com tudo. E agora já tô muito agora, mas eu sou, eu benzo um pouquinho ainda, ainda sei um pouquinho, ainda. é plantava naquela, só, só vivia da plantação só. Mas morava na terra dos alemão, plantava com os alemão, metade tinha que repartir nois coia e tinha que repartir com os alemã nois tinha que reparti, sobrava pouco para nois. Pouco pros meu pais, e assim, assim que nois vivia, graças a Deus agora temu, melhorando um pouquinho né veio esse salariozinho tão pagando pra gente, né; Melhorou, melhorou muito, sabe a gente que tá ganhando é pequena, né; ai a gente passava necessidade, faltava as coisa, mas fomo levando graças a Deus deu pra vencer a vida” (Relato de Dna. Vanda, Caderno de Campo – Eder Fonseca, 2024).

Figura 4-Foto de Vanda Ribeiro Fonseca em seu quintal( fonte-Caderno de Campo de Eder Ribeiro Fonseca)



A comunidade de Vó Elvira apresenta sua Roça Quilombola, dispersa entre vários terrenos, entremeados por ocupantes não negros que se estabeleceram, pois não há definição oficial de quem tem posse das terras onde está a comunidade de Vó Elvira. Nós quilombolas entendemos que futuramente enfrentaremos problemas, quando a Carta de Auto-reconhecimento da Fundação Palmares for se efetivar como território do Quilombo Vó Elvira, com a demarcação esperada, que deve ser realizada pelo INCRA. Mas assim mesmo a Roça se envolve no terreno e se mistura entre os quintais dos não negros da área. A comunidade do Passo dos Lourenços apresenta uma situação similar ao quilombo Vó Elvira, mas como está mais afastada dos centros urbanos tem uma estrutura diferente.

#### *Comunidade Passo do Lourenço e Arredores*

Os relatos da presidenta e liderança da comunidade Elisangela Dias Shug e do mestre Griô liderança Arnaldo Dias, mais conhecido como Dirico, apontam que a Comunidade Quilombola do Passo do Lourenço e Arredores surgiu em 1900, após negros escravizados na Charqueada em Pelotas/RS, se deslocarem para a região. Se deslocaram de Piratini, onde antes eram escravizados, e depois para o Rincão dos Escravos. O local é marcado por várias

construções de pedra (casas e cercas de pedra, matérias de castigo e outros) e há documentos (carta de alforria, documentos de venda e compra e outros). A liberdade, conseguida ainda no período da escravização e depois desse, pois mesmo com a oficialização da libertação a escravização prosseguia, motivou a muitos ficar e trabalhar com seus antigos “senhores”. A Liderança quilombola Elisângela Shug relatou que alguns desses “senhores” não tinham filhos e deixavam a herança para os negros e as negras que trabalhavam para eles. Após o fim da escravização, vários negros se mudaram para outras localidades, permanecendo apenas no Rincão dos Escravos poucos negros/as e muitos brancos. Esses brancos não gostavam do nome da localidade e pressionaram, para ser trocada de nome, para Rincão dos Cravos, nome atual da área.

Falo aqui sobre um processo de territorialidade de um grupo tradicional quilombola, que possui pertencimento e identidade, envolvendo toda uma ancestralidade, especificidade e etnicidade marcante em seu território. Destaco também que esse grupo possui uma certa rugosidade descrita por Milton Santos (2008), ou seja, alterações deixadas pela presença humana ao longo do tempo, nos espaços os resquícios que carregam toda uma história, cultura e memória.

O processo de investigação me fez questionar: Por que o nome Passo do Lourenço? Há uma narrativa mítica que envolve a área (Relato de Seu Dirico, Caderno de Campo Eder Fonseca, 2023). Fui informado que o arroio com corredeira forte impedia muitas vezes a passagem a pé que acabava sendo feita apenas com cavalos ou carroças. Muitos não conseguiam atravessar, pois não possuíam carroça e ou cavalo. Certo momento um senhor chamado Lourenço, fez a passada, com uma madeira de um lado a outro do arroio, para que todos conseguissem atravessar a pé. O meio de passagem agora mais usado era essa pinguela, com um tronco de madeira estreita, que liga um lado ao outro as margens. Essa nova passagem não limitava o caminho dos negros e nem dos brancos pobres que andavam a pé pela região. A passagem, desta forma da localidade denominação por seu nome e feito, o Passo do Lourenço, em sua homenagem. Notei nessa narrativa mítica local o afeto e o cuidado, que Seu Lourenço, demonstrou com sua comunidade, ao construir uma pinguela (pequena ponte), onde todos conseguiriam atravessar.

A área de terra concentrada, na posse dos moradores do quilombo éde poucas hectares, sendo que em sua maioria são doações dos donos de escravizados, que cediam partes que não lhes interessavam, aos seus trabalhadores. Com o passar do tempo essas poucas doações, foram sendo tomadas por outros, ficando sempre partes com menor aproveitamento e com muitas pedras, para os negros. Desta forma, a grande maioria dos quilombolas mora em

regiões íngremes, onde predominam os cerros com muitas pedras, dificultando seu acesso e plantio. Outros quilombolas, na tentativa de maior produtividade da sua plantação e por não ter extensão de terra, por arrendamento para o plantio e colheita da sua agricultura. Acabam plantando em terras cedidas, pagando aos posseiros, parte da colheita, a terça parte ou mais, de toda a produção quilombola.

O processo de interação na comunidade me possibilita verificar que o Quilombo é constituído por 43 famílias. Famílias que tem como sua principal fonte de renda a agricultura familiar. O quilombo segue os ensinamentos dos mais velhos, o cuidado com a terra, a fase da lua que tem quem plantar, benzeduras, troca de sementes, ajudar na plantação e colheita, emprestar ferramentas e demais equipamentos. Os relatos (Caderno de Campo, Eder Fonseca, 2023) indicam que as lideranças quilombolas, pude observar in loco, asseguram alguns traços culturais marcados pela ancestralidade africana, “os valores culturais são mais fortes que os desviantes ecológicos e econômicos decorrentes” (Barth, 1998, p. 192-193).

A comunidade envolve-se com vários projetos sociais coletivos, com trocas de saberes. A troca ocorre na farmácia caseira, que fabrica vários produtos de origem, como os xaropes, o uso de própolis, o sabonete para as alergias, a sarna e o piolho, o uso de tintura de oline e de tansagem, o uso das ervas medicinais, entre outros formas de biointeração evidente. São várias as formas de reciprocidade, de práticas de cuidado entre os membros da comunidade, destacando o afeto e o bem viver, implementados entre eles. O acolhimento é um traço diacrítico (Barth, 1998) constante.

*Figura 5- Entrega de presentes natalinos para as crianças quilombolas ( Fontes: Elisangela, 2021.)*



A figura 5 mostra as vésperas do Natal de 2021, moradores do Quilombo Passo do Lourenço, no município, se uniram para arrecadar e distribuir brinquedos para as crianças e adolescentes de sua comunidade. Nesta ocasião, apesar do contexto pandêmico da Covid19, a reciprocidade, solidariedade e união se mostraram presentes, podendo auxiliar a tornar o momento mais ameno e alegre, Todos os envolvidos, tanto os voluntários quando os recebedores dos presentes puderam tirar bons frutos do momento fraterno.

A diversidade de plantas alimentícias é encontrada na Roça Quilombola do Passo do Lourenço. Há uma forte presença de hortaliças, batatas, abóboras, feijões, milho, ervas medicinais. Destaco, por meu conhecimento de agricultura, relatado acima, a presença de sementes crioulas de milho, feijão, ervilha e amendoim, também identifiquei a criação de animais como ovinos, suínos, bovinos e aves para o consumo.

*Figura 6- Criança olhando "agricultora" debulhando milho (fonte: Elisangela Shug, 2021).*



Na foto é perceptível observar, como os saberes e as “fazenças” ancestrais dos mais velhos são repassados para os mais novos, mostra que a criança está ajudando a mais velha a debulhar milho para fazer a canjica no pilão, são imagem que relatam o cotidiano de vários quilombos espalhados pelo país.

As etnicidades do *Quilombo Passo do Lourenço e Arredores* se apresenta através de suas práticas ancestrais. Fazendas que vêm se perpetuando ao longo dos anos. Esse conceito de etnicidade aparece nos estudos de Barth (1998, p. 21), segundo ele - “a etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores”.

O quilombo desenvolve um projeto de resgate da cultura e autoestima dos jovens e crianças com um grupo de dança afro, que trabalha em suas danças a religiosidade, a culinária, a vestimenta e a ancestralidade. São oferecidas oficinas e estudos das confecções das bonecas *abayomis*. Essa produção de bonecas nas formas ancestrais remetem a fazendas vindas do outro lado do Atlântico, cuja expressão marca a existência da Mestra Griô Sirley Amaro, figura expoente na cidade e Universidade Federal de Pelotas, onde é Doutora Honoris Causa, título em 2019 (nasceu em Pelotas em 12 de janeiro de 1936 e faleceu na mesma cidade em 28 de outubro de 2020, Martins, 2024). A comunidade oferece aulas de violão, curso de costura e pintura em tecido. A comunidade é envolvida também em projetos de segurança alimentar, pois o alimento é sagrado para nós. A comunidade faz “resgate” e apropriação de receitas dos avós, que passam de geração para geração. Segundo os interlocutores na sede do quilombo (Caderno de Campo Eder Fonseca, 2023), foi realizada a alfabetização de vários quilombolas, que não conseguiram se alfabetizar quando crianças, sendo esse um dos projetos mais gratificantes e relevantes dentro do quilombo, que respeitou as vivências e os conhecimentos já adquiridos pelos quilombolas, ainda tornou possível a alfabetização abrindo um novo mundo para eles.

*Figura 7-Curso de formação e resgate cultural ( Fonte: Elisângela Shug, 2021).*



As Figuras 7 apresentam uma das formas que o quilombo Passo do Lourenço atua para manter a sapiência de conhecimentos ancestrais. A comunidade apresenta ao centro, o pilão de madeira, como um socador, que foi esculpido por um dos membros da comunidade. O socador/pilão para quebrar o milho, da origem a canjica cultivada de forma ancestral desde que pisaram na América. É a forma de fazer, a fazença, da farinha de milho, na interlocução de com os ameríndios ou indígenas que aqui já estavam sobre essa biodiversidade. E hoje um alimento tradicional quilombola. É um saber e fazer ancestral e interativo da comunidade que se conecta com a terra e seus irmãos ancestrais indígenas na Pindorama<sup>5</sup>. Eles se reúnem todo ano e trazem o pilão com o intuito de disseminar essa técnica, entre outros conhecimentos, fazença entre os membros quilombolas. As duas imagens apresentam a forma de organização da comunicação, no sentido de manter a interação ancestral com a terra e com cultura, nascida aqui e aqui perpetuada, pelas gerações de libertos, como os indígenas e os quilombolas. É uma marca que traz o pilão africano e comunhão com o pilão indígena. Marca que lembra luta pela libertação e próprio ato de se aquilombar, pois os colonialistas entendiam os quilombos como “toda a habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” (Moura, 1987, p.16), os pilões eram marcas de povoamento dos colonialistas e nós marcamos nossos quilombos com as marcas negadas a nós.

Os ensinamentos, saberes, são apresentados de geração em geração com o cuidado em sua preservação e o ensino de como um cuidar do outro. O processo de continuidade dos viventes é fundamental, as comunidades e o gerar dos filhos e filhas se dá em casa. A criança é gerada em casa por uma parteira. As trocas, entre gerações, acontecem a partir das roupas, as roupas são usadas por todos e a costureira da comunidade é que faz roupa para todos. Quando é abatido um animal, este é dividido com os outros membros da comunidade. O processo ocorre continuamente, pois aquele que recebe depois devolve, mantendo o processo de partilha. Os processos geram os afetos, as alianças e a reciprocidade. Essas dinâmicas são marcas vigentes e de uma temporalidade ancestral na sua realização. A ancestralidade marca as relações entre os membros da comunidade quilombola Passo do Lourenço e Arredores. De acordo com os interlocutores (Caderno de Campo, Fonseca, 2023) a comunidade percebe essa historicidade presente.

A liderança Elisângela, quando falou do seu falecido pai, Argeu Shug, se emocionou (C. Campo, Fonseca, 2023). Segundo ela seu pai era um ator político prestigiado no território,

<sup>5</sup>“os povos de língua tupi que chamavam essa terra de Pindorama” (Santos, Nego Bispo dos, 2015, p. 15)

presidente de um time de futebol e com grande envolvimento em partido político. A sua atuação lhe permitia circular em vários setores da sociedade envolvente local, sempre incentivando os seus filhos a estudarem e não baixar a cabeça para ninguém. O relato me fez lembrar o texto de Perutti (2021)<sup>6</sup>, o qual indica que alguns moradores dos quilombos tinham um grande envolvimento com partidos políticos.

Os dois territórios quilombolas apresentam situações diferentes quanto ao processo de ocupação. Vó Elvira é um território próximo a cidade, de grande porte, que é Pelotas, já Passo do Lourenço, é distante da sede que é uma cidade pequena, Canguçu. As duas comunidades se irmanam no sentido da luta pela terra e pelo direito de demarcação pelo INCRA. Irmanam-se pela localização em topos de colinas entremeadas por não negros, que vão se avançando sobre seus locais produtivos e reduzindo as possibilidades da Roça Quilombola de estruturar e biointeratividade própria dos quilombolas. Cabe então entender essa biointeratividade quilombola ancestral da Roça Quilombola na contracolônização.

---

<sup>6</sup> “os Magalhães recusaram incluir no montante terras vizinhas ocupadas no passado com roçados e pastos e perdidas ao longo do tempo, não importando se eram de seus aliados ou opositores políticos. Tal atitude se justificou em função de que ter mais terras significava desapropriar vizinhos, e relações de vicinalidade ajudam a dar sentido ao Lavado, a manter seu modo ‘amigueiro’ de ser, fazendo do lugar menos deserto. Além do mais, não seria vantajoso criar tensões com vizinhos de maior poder econômico, e a atitude ‘amigueira’ seria uma forma de contrabalançar desigualdades, convertendo um possível interesse por terras em generosidade e desprendimento” (Perutti, 2021, p. 8). É possível perceber que nos quilombos atuar entre partidos políticos ou entre políticos de partidos é um jogo da luta cotidiana, que junta muitas vezes pessoas que podem ser entendidas como adversárias, mas que servem a luta maior na continuidade da fixação do território.

### **Ancestralidades marcantes na biointeratividade quilombola**

A culinária específica desses povos tradicionais e os processos de cura através das ervas medicinais são passíveis de investigação. Se faz necessário evidenciar a etnicidade de seus cultivos biointerativos. São esses e outros motivos que me levaram a propor o projeto de pesquisa, e assim realizar o mestrado num espaço propício, para mostrar à sociedade que os territórios quilombolas são detentores de conhecimentos ancestrais, históricos e fundamentais, ainda pouco estudados e catalogados. Nesse processo, encontrar a Roça Quilombola e a biointeratividade quilombola, como pilares da produção, é minha pesquisa.

A Agroecologia quilombola não é muito difundida no cenário agrícola brasileiro. A biointeratividade quilombola está invisibilizada, não por acaso, pois está relacionada com o sistema escravocrata, que se consolidou no País e se estendeu por mais de três séculos, hoje fazem menos de 150 anos de seu término oficial. Ainda, em pleno século XXI, os modelos escravistas se apresentam. Observo que a escravidão deixou muitas cicatrizes na sociedade brasileira, de maneira não tão sutil, essas vão servindo para a exclusão dos quilombos, ao acesso às riquezas que o país produz e possui. Segundo os estudos de Castro (2021) sobre racismo e sistemas alimentares, existe uma narrativa racista que rotula tudo que se produz nos territórios negros e indígenas como obsoleto e sem valor.

No Brasil são encontrados poucos estudos acadêmicos relacionados à Roça quilombola, podemos ainda destacar que as instituições de pesquisas e de assistência técnica tratam os agricultores quilombolas biointerativos como um agricultor familiar comum, não levando em consideração, suas especificidades que envolvem toda uma ancestralidade, etnicidade, africanidade, religiosidade, sabedoria e oralidade como forma de resistência, que, veem se perpetuando nas comunidades quilombolas através dos Griôs, sendo o quilombola mais velho do quilombo, servindo como uma sinergia com a natureza (Fonseca, 2021).

No Brasil, os poucos estudos relacionados à agroecologia quilombola apresentam instituições de pesquisas e de assistência técnica que mesclam os agricultores quilombolas biointerativos com agricultores familiares, invisibilizando as práticas negras de produção. A ancestralidade da sabedoria transmitida pela oralidade resistente perpetua entre quilombolas a “sinergia com a natureza”, que promove a Roça Quilombola.

A estratégia do capital agrário, contrário a essa sinergia, é de diminuir a importância dos modos de vida e organização social dos quilombolas. A pesquisa sobre a importância da biointeratividade quilombola no Rio Grande do Sul, assim se torna vital. O estudo que venho realizando já mostra alguns entraves, que são fruto do segregacionismo vigente. Os racismos fundiários e ambientais juntos preconizam a diminuição e perda dos territórios quilombolas.

A injustiça social e ambiental que recai de forma desproporcional contra os povos tradicionais e quilombolas marca uma trajetória de luta constante. Esses povos mantêm os saberes/fazeres tradicionais, com muito custo. A ancestralidade africana, nos cultivos biointerativos, é fruto dos processos de trabalho que homens e mulheres negras se envolveram em realizar, por centenas de anos, mesmo que invisibilizados. A investigação apresenta a problemática do racismo presente em toda a interação com a sociedade envolvente, a pesquisa iniciada com estudos aprofundados na bibliografia, mesmo com poucos estudos acadêmicos referentes à agroecologia quilombola no Rio Grande Sul. Nesse contexto da investigação temos como hipótese que em diferentes comunidades quilombolas localizados na metade sul do Rio Grande do Sul, de forma interseccional desenvolvem práticas agroecológicas que são tipicamente quilombolas, a partir dos seus saberes/fazeres tradicionais, valorizando o conhecimento ancestral de forma horizontalizada e circular.

Nego Bispo (Santos, 2015) nos explicita com evidência a Biointeração. Essa se dá no contexto das experiências vividas pelos quilombolas, tais como o uso da terra demarcado pelas práticas e cultivos tradicionais. É uma marca forte entre nós quilombolas. O uso de documentos que comprovem a terra, como títulos de propriedade existem, mas não são considerados com valor, somente o Estado colonialista exige isso. Para nós quilombolas o que vale é o perímetro, que marca nossa capacidade de cultivar e de compartilhar (Antônio Bispo dos Santos, Nego Bispo dos, 2015, p. 81). A Roça Quilombola é ampla, uma roça emenda na outra, ficando uma roça só, ela é limitada pelos riachos onde pescamos, pelas pedras que nos dão base as estruturas, pelas matas que nos dão frutos nativos e até cultivados. Lugares no perímetro que coletamos “sem precisar pedir permissão a quem os cultivava” (Antônio Bispo dos Santos [Nego Bispo], 2015, p. 81).

A Roça é hoje cerceada, cercada, reduzida, controlada, esmagada, pela expansão desordenada da agricultura não-quilombola. “Hoje muitas pessoas não entendam porque presenteávamos até os desconhecidos com o que tínhamos de melhor nas nossas roças” (Antônio Bispo dos Santos, Nego Bispo dos, 2015, p. 81). Tudo sempre era coordenado pelos mais “velhos ou os que mais se destacavam pela habilidade no desempenho de determinadas tarefas” (Santos, Nego Bispo dos, 2015, p. 81). Sempre seguimos a orientação das mestras e

mestres, e eles indicam que não se deve tirar dos lugares mais do se precisa, pois o lugar de guardar as coisas é onde elas estão, não há acúmulos, “ninguém podia pescar para acumular, pois melhor lugar de guarda os peixes é nos rios, onde eles continuam crescendo e se reproduzindo” (Santos, Nego Bispo dos, 2015, p. 81).

A organização dos quilombos “e dos povos indígenas” é conhecida por todos, por toda a comunidade. A organização do cultivo nas comunidades tradicionais está e começa na roça, uns levam os ferramentas para roçar, outros para plantar, depois todos mantêm a roça limpa, cuidam para que outros não desejados destruam a roça, mas os animais silvestres convivem com a roça e comem o que precisam, pois podem ser caçados depois. Quando a planta está grande, pronta para colher, todos vão à roça com instrumentos para colher, com instrumentos para armazenar, e todos recebem sua parte na colheita, o quanto precisam, não um que fique com mais do que precisam, se vão vender para fora todos escolhem a parte que irá para fora da comunidade. Isso ocorre na casa, no engenho, na venda, em todo o lugar quilombola. E por isso que a Roça Quilombola é o centro de todo o saber, que é compartilhado por todos, de qualquer gênero, de qualquer idade, de qualquer posição social. Há líderes, há sábios e sábias, há sacerdotes e sacerdotisas, há comuns, há todas as hierarquias necessárias, mas todos sabem de tudo na Roça Quilombola. “Vive-se durante um longo período, onde se faz muita força, mas toda essa força se transforma em festa” (Santos, Nego Bispo dos, 2015, p. 83).

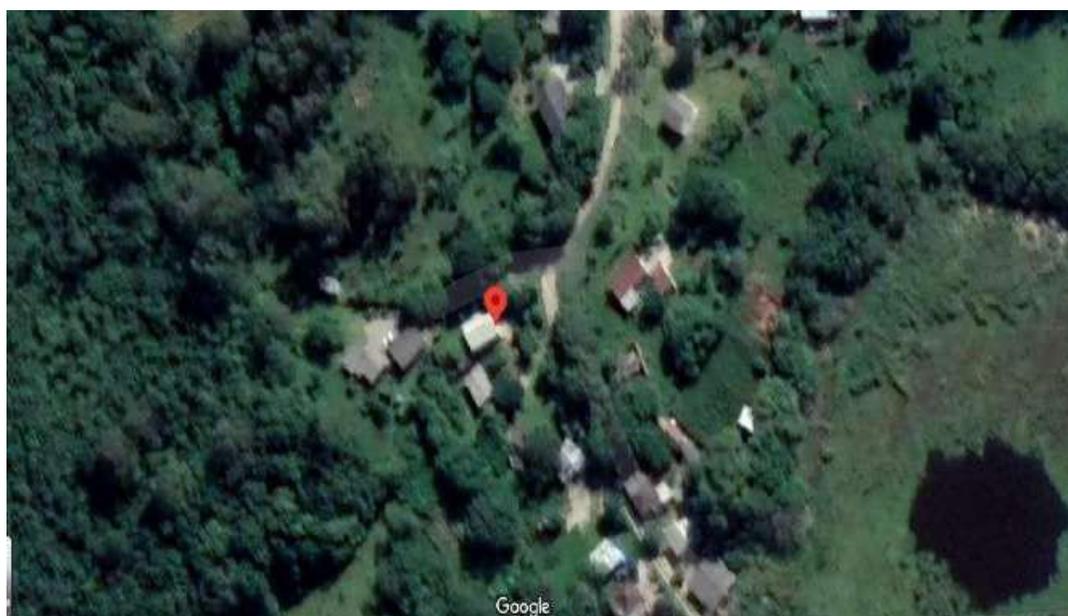
Na Roça Quilombola a “maior parte das vezes, ninguém ganha dinheiro nesse processo” (Santos, Nego Bispo dos, 2015, p. 84). As pessoas recebem parte da produção ou ajuda em outras atividades que precisarem. Nossas mestras e mestres podiam acumular, mas o melhor lugar de guardar a produção é na terra. “Ao contrário da fadiga maldita à qual Adão foi condenado pelo Deus bíblico, aqui se vivencia a comunhão prazerosa da biointeração” (Santos, Nego Bispo dos, 2015, p. 84). A vida é vivida junto, “formando uma grande orquestra que anima a todas e a todos com a música da vida e o movimento desenvolvido pelos que fazem parte desta orquestra formando uma das mais belas coreografias que já pudemos vivenciar” (Santos, Nego Bispo dos, 2015, p. 85). A Roça nos ensina o que é orquestrado como as demais expressões, “inclusive a forma de realização das tarefas e de distribuição dos seus resultados” (Santos, Nego Bispo dos, 2015, p. 85).

Assim, como dissemos, a melhor maneira de guardar o peixe é nas águas. E a melhor maneira de guardar os produtos de todas as nossas expressões produtivas é distribuindo entre a vizinhança, ou seja, como tudo que fazemos é produto da energia orgânica, esse produto deve ser reintegrado a essa mesma energia. Com isso quero afirmar que nasci e fui formado por mestras e mestres de ofício em um dos territórios da luta contra a colonização. (Santos, Nego Bispo dos, 2015, pp. 85).

A ideia de compartilhar o que sabemos com os outros, como se faz na Roça Quilombola, preserva o que somos, de onde viemos e para onde iremos, assim como fizeram no passado e farão no futuro. A melhor maneira de guardar os saberes era pela forma oral, mas depois que passamos a escrever, a filmar, não abandonamos a forma antiga, mas acrescentamos a nova, e assim vamos distribuindo entre a vizinhança tudo o que fazemos e sabemos. A nossa energia para guardar o que sabemos é compartilhada, é orgânica, é entrelaçada pela vida, a oralitura e escrevivência permitem isso e ainda combatem o colonialismo, na manutenção dos territórios na luta contra a colonização, conforme nos ensina Nego Bispo (Santos, 2015). Seus escritos, como escrevivências e oralituras, se perpetuam e marcam a luta da Roça Quilombola por manter essa biointeratividade quilombola.

Apresentar a Roça é compreender o mundo e a vivência quilombola, pois é na Roça que tudo surge, como sugere o ancestral Nego Bispo. A Roça Quilombola do quilombo Vó Elvira, ou parte dela, foi estudada por Stefanie Mena em 2023, estudante de graduação da Biologia da UFPel, fui o interlocutor da mesma. O estudo percebeu que o Quilombo Vó Elvira apresenta 60 famílias que vivem em uma área de 10 hectares, sendo delimitada pelas coordenadas de latitude  $31^{\circ}38'58.3''S$  e longitude  $52^{\circ}24'47.0''W$  [Google earth, 2022] (Mena, 2023, p. 29).

*Figura 8- Imagem de satélite da Comunidade Quilombola Vó Elvira (GOOGLE EART, 2022.- Mena,,2023, P.29)*

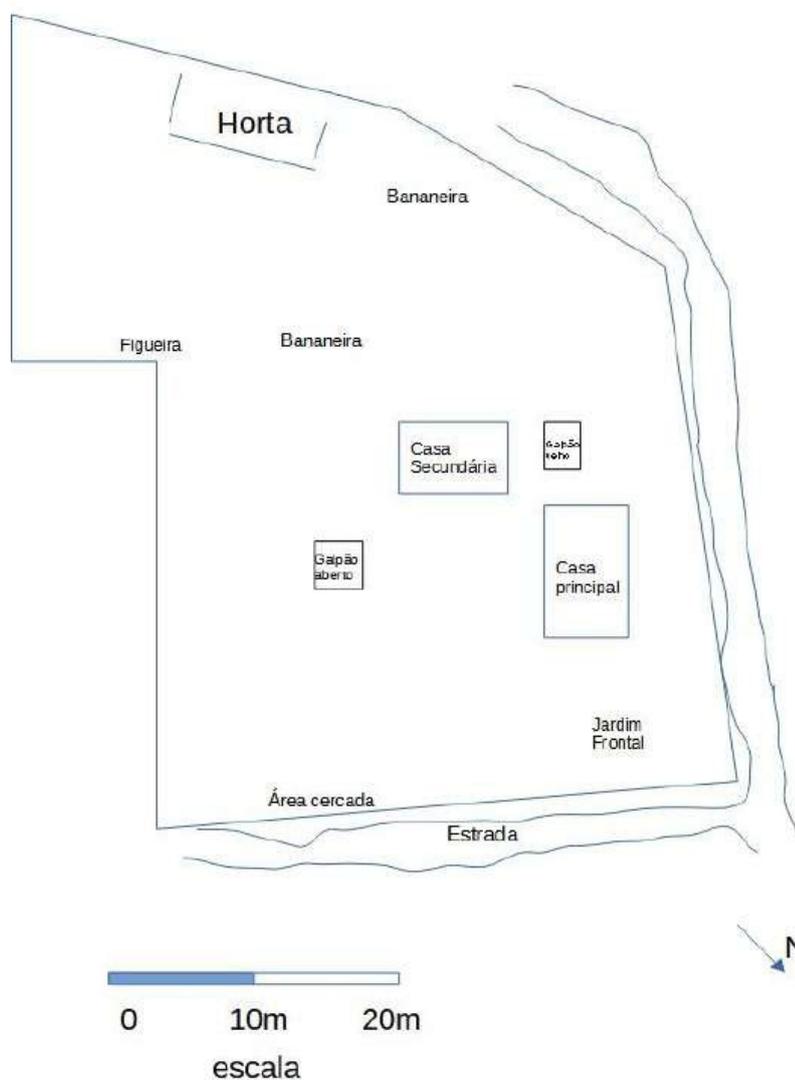


O local da imagem levantada por Mena (2023) mostra parte da ampla Roça Quilombola de Vó Elvira, o ponto vermelho marca a casa que habito, é evidente a presença de mata secundária no entorno, que serve como anteparo, limite, perímetro, da Roça. Nesta área em destaque está o dito quintal (Mena, 2023), que é apenas parte da Roça Quilombola. As áreas de cada casa quilombola, nesse quilombo são pequenas, todas cobertas por roças, tanto ornamentais, como alimentares e medicinais. Os pequenos sítios reúnem, as vezes, famílias extensas, de três ou quatro gerações. “No entorno da casa dos mais velhos outras casas vão se colocando conforme casamentos ou independência dos mais novos” (Mena, 2023, p 30).

Os sítios / chácaras apresentam quintais de variados tamanhos, as vezes, com alguns animais de criação, como galinhas, porcos, vacas de leite, cavalares ou muares/asininos. O estudo de Stefanie Mena (2023) identifica no meu quintal, bananeiras, horta, jardim e plantas medicinais dispersas no terreno. A minha roça é parte da Grande Roça Quilombola, pois o que temos ali serve a todos os quilombolas ( e mesmo aos vizinhos não negros) conforme a necessidade.

Figura 9- Croquis do Quintal no Quilombo Vó Elvira. ( confecção Cláudio Baptista Carle, Mena, 2023, p. 30)

### Croquis do Quintal no Quilombo Vó Elvira



Mena (2023) estuda as plantas, principalmente as medicinais que estão na roça, e coleta informações junto aos quilombolas, moradores no local, eu, minha irmã, mãe e meu pai. A pesquisa focava nos usos possíveis das plantas medicinais.

A roça quilombola, além de ser um espaço de ancestralidade afrodiasporica, proporciona interações de seres visíveis e invisíveis, produzindo alimentos energeticamente saudáveis, para a manutenção da vida dos seres que ali habitam. Esses ambientes quilombolas são fontes imensuráveis de conhecimentos interligados entre os territórios quilombolas ainda pouco estudados e lembrados pela sociedade brasileira.

As roças do quilombo Passo do Lourenço e Arredores são constituídas por uma diversidade de espécies de árvores frutíferas, hortaliças, tubérculos, ervas medicinais, sementes crioulas e animais. Os alimentos cultivados nesse território são subsistência das famílias quilombolas, para comercialização e, também, para ser consumidas pelos animais. Além disso, uma das práticas utilizadas é o sistema de trocas de alimentos e sementes, entre as famílias, sendo essa prática basilar nos territórios quilombolas do país. Nesse território tradicional é encontrado o pilão, para quebrar o milho, para fazer canjica e farinha. O pilão é um artefato de madeira, é esculpido pelas mãos dos próprios artesãos do quilombo, essa técnica é repassada e mantida entre as gerações. Há uma preservação ancestral que marca a própria ideia de quilombo, de habitação, de persistência afrocentrada. Portanto, falar da Roça no Quilombo Passo do Lourenço e Arredores, é falar de um espaço sagrado, por si só, é falar das sementes crioulas, é falar do solo rico em *Asé*, é falar da medicina tradicional, é falar de segurança e soberania alimentar, é falar de mitos e lendas, é falar do bem viver em comunidade, é falar dos griôs, é falar de uma Pequena África descrita por Marielda Barcellos Medeiros (2022).

A Roça Quilombola faz o calçamento do caminho para a oralitura das narrativas e interpretações dos dados. O estudo dos dados é uma marca bem forte da ação colonialista da academia, da ciência ocidental eurocentrada, mas a ação antirracista e contracolonialista nos alimentam, na escrita a partir da oralitura, a expressão escrita das narrativas de quilombolas com quem nos envolvemos nesse estudo, como segue.

## **A oralitura das narrativas e interpretações dos dados**

Apresento, neste momento do texto, os saberes e fazeres quilombolas, através de relatos das minhas interlocutoras e interlocutor. Estes relatam a forma da vida, da Roça Quilombola, das ervas medicinais e seus processos de cura. A partir de entrevistas semiestruturadas, observações de campo (observação participante), saliento que os conhecimentos sobre as ervas medicinais também são práticas e saberes biointerativos, desenvolvidos nos territórios quilombolas ao longo dos séculos. Além disso, existe uma coesão entre a biota esses povos tradicionais, ou seja, não estão separados entre si e sim interligados, em diferentes conexões.

Nessa região o uso da terra era demarcado pelas práticas e cultivos. Isso era tão forte entre nós que, apesar das pessoas mais velhas possuírem alguns documentos de propriedade, esses só tinham valor para o Estado. Para nós o que valia era os perímetros que chamávamos de extrema, demarcados pela nossa capacidade de cultivar e de compartilhar. Tanto é que a nossa roça era emendada com tantas outras roças que a chamávamos de roça de todo mundo (Santos, Nego Bispo dos, 2015, p. 81).

A Roça Quilombola e sua biointeratividade marcam as relações nos quilombos, essas roças de todo mundo com diz Nego Bispo, é um sentido comunal que impera nos quilombos. Na região de Pelotas, onde se encontram as duas roças em evidência nesse texto, há mais de 40 comunidades remanescentes de quilombo (forma como está na Constituição Brasileira de 1988 para identificar os quilombos, as terra rurais de pretos e pretas no Brasil). Na Roça Quilombola, além do alimento, estão as ervas medicinais encontradas nos territórios quilombolas, pesquisados. Algumas dessas ervas, mostram sua força, pois são percebidas na ação dos seus respectivos Orixás.

Nos dois territórios, algumas famílias são praticantes das Cosmogonia Afrocentrada, religiões de matriz africana. Mas a vivência e persistência cultural marca o cotidiano, mesmo que não manifesto nas buscas espirituais da atualidade (há cristãos entre os quilombolas), fazem expressar a ancestralidade dos africanos tornados brasileiros na ruptura do sequestro anterior.

Há um processo de conectividade entre os territórios quilombolas e as ervas medicinais, essa conexão ontológica foi fundamental na formação e no assentamento dos descendentes de povos africanos, que podemos determinar nesses locais, como territórios afro-diaspóricos ancestrais, tendo em vista que os saberes e fazeres na biointeração com as ervas medicinais, que cada quilombo carrega em sua essência. Os saberes sobre as ervas é repassado através da oralidade, principalmente a partir de seus membros mais velhos, popularmente chamados mestres e mestras Griôs.

A medicina ancestral tradicional, desenvolvida pelas comunidades quilombolas é fundamental no tratamento de várias doenças. Envolvidos na biointeração das funções farmacológica e curativas que as plantas possuem. Destaco, como estudioso, quilombola na interações nestes dois quilombos em apresentação, que esse conhecimento sobre as ervas vem percorrendo os séculos, em cada território quilombola.

A agroecologia quilombola, que chamo de Roça Quilombola, se retroalimenta de forma cíclica, com os diferentes atores no território tradicional quilombola. A Roça Quilombola é co-habitada harmonicamente por seres visíveis e invisíveis. Seres que estão em constante envolvimento, em frenesi ou estágio de placidez na biointeração quilombola e ervas. Dessa forma há um processo simbiótico e mutualístico de coexistências, entre os quilombolas, plantas, animais, água, solo e seres invisíveis. Desse modo, essas conectividades, entre esses atores, vão proporcionar um bem viver quilombola fantástico, enfatizando que as plantas medicinais e alimentares têm um papel fundamental no equilíbrio da saúde humana e não humana. Tudo que digo se apresenta por experiência própria e por interação com os narradores que seguem abaixo.

Destaco a entrevista semiestruturada, que realizei com o mestre Griô, de 85 anos, Ari Silveira, residente na comunidade Quilombola Vó Elvira, localizada no interior do município de Pelotas-RS. Ele me relatou, que anda com a memória pouco esquecida, mesmo assim, iria tentar me passar um conhecimento sobre a fabricação de um xarope medicinal caseiro. Para tantoutilizada de diferentes ervas medicinais em sua composição, servindo para fortalecer a imunidade do corpo, e também contra vários males, inclusive para o equilíbrio da temperatura corporal (Caderno de Campo, Eder Fonseca, 2023). Seu Ari Silveira relata que adquiriu esse saber ouvindo as pessoas mais velhas, na sua infância, quando morava no 3º distrito do município de Canguçu/RS, e que foi adaptando, com o passar do tempo, outras ervas medicinais. As plantas citadas por ele, para a formulação do xarope, são: açoita-cavalo, semente de periquiteira, agrião, corticeira, picão preta, guaco, poejo, folha da uva, bananinha do mato, mel, amarica (Caderno de Campo, Eder Fonseca, 2023).

Seu Ari relata que as folhas e a casca, amenizam as dores na coluna. Essa “fazença” ancestral do xarope caseiro, desenvolvido pelo seu Ari nada mais é que uns dos pilares da agroecologia quilombola. Ele ainda me relatou acerca do orgulho ter uma filha formada no curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); A imagem a seguir, mostra seu Ari na colação de Grau de sua filha (Caderno de Campo, Eder Fonseca, 2023).

*Figura 10- Seu Ari Silveira na colação de grau de sua filha Jacira Silveira no curso de pedagogia- UFPEL , 2021*



A pesquisa me levou até a Dona Maria, Maria Denise Shug, que está com 60 anos, moradora da Comunidade Quilombola Passo do Lourenço e Arredores, que é casada, estudou até o quinto ano em instituição escolar, agricultora na Roça Quilombola (agroecológica). A produção de Dona Maria é destinada ao próprio consumo e, quando há sobra, comercializada (Caderno de Campo, Eder Fonseca, 2023).

Dona. Maria possui um exímio saber das ervas medicinais e seus processos de cura, no diálogo que tivemos em sua casa. Dona. Maria falou que seus conhecimentos foram sendo adquiridos com o passar do tempo, escutando os mais velhos quilombolas e também

participando de um curso, que tinha como foco a farmácia caseira. Diante desses dois modos de conhecimentos aprendeu a fazer diferentes tipos de pomadas e xaropes, para diversas doenças (Caderno de Campo, Eder Fonseca, 2023). Me informa que os xaropes atingem o ser humano e também os animais, desse modo apresento alguns relatos dos saberes e fazeres de Dna Maria Denise. Dna. Maria Denise nos indica que:

“A gente ... antigamente quando eu me criei, a gente não ia ao médico, farmácia, essa coisas,... a gente tinha farmácia caseira, como era chamado, a gente fazia chás, pomadas, afumetação, usavam muito ervas, aqui a gente só se tratava com ervas, tinha pra tudo, pra gripe, se tinha dor no estômago, estômago cheio, se comeu alguma coisa que fazia mal, pra tosse , pra dor de garganta então a gente usava só chás, muito chás Um exemplo, a gente usava, quando inchava o estômago, se tinha alguma coisa, tomava o chá de boldo ou chá, que a gente chama aqui, de faxina,... outro lugar pode ter outro nome, mais aqui a gente chama de faxina, chá de palminha pro estômago, pra gripe a gente fazia o chazinho de arnica, quem tinha, chá de laranjeira, bergamoteira, essas ervas a gente fazia. Pra pressão, a gente fazia, tomava da folha da guabiroba, folha de goiaba, tomava de murta também, o chá que a gente usa, até hoje, murta... toma bastante. Para infecção na garganta ou asma, bronquite a gente já usava,... assim que chama aquele,... dedo de moça, é uma é tipo uma cebolinha,... ver só que era mais graúda, a gente fazia um tipo de xaropezinho, até hoje, a gente faz xarope com cebola e com esse Dedinho de moça, com açúcar,... faz tipo de xaropezinho. Gente aqui faz muito chás, com 130 a 140 ervas, xaropes, a gente faz xarope,... a gente faz tintura de oline, pro estômago, que é muito bom também, a gente faz pomadas, que é maravilhosa para fundamentação,... pomada para passar, assim, no corpo no geral, sabão para cocceira, a gente faz em casa também. Outro a gente, também, quando tinha os chás,... a gente tinha o apoio da,... das benzedeadas, se a gente sentiu uma dor de dente,... a gente ia benzer,... a falava muito no encaio, quanto comia alguma coisa e hoje eu chamo de outra coisa, mas a gente chamava... ah fez mal, parou no estômago, a gente ia benzer,... benzia para dor de dente, benzia pra dor de cabeça e dizia que eu tinha ar,... às vezes na vista, ficava vermelho, alguma coisa,... era um ar a gente, ia lá e benzia,... a gente usava muitas benzeduras, como algumas pessoas aqui, na comunidade, da menos,... tem bastante benzedura. A pomada, que eu falei, essa pomada, essa nós fizemos pomada,... calmante e pomada milagrosa, pomada calmante, é pra afumentar quando tem uma dor na junta, um inchaço, uma batida, alguma coisa,... nós está sempre, pomada milagrosa e até hoje, tem essas formada,... a gente continua, ah,... a gente faz própolis também, não é! com cera, com retame da abelha, a gente faz, própolis pra garganta, pra febre inclusive,... agora nessa onda de convid, a gente, tomava muito própolis caseiro,... pra se proteger. Aqui no Quilombo, tem muitos tipos de chás e tem uma coisa, assim, que a gente tem,... aquela crença, disse para espantar mal olhado, para bota perto da horta, na frente da casa, tipo,... espada de São Jorge, Arruda,... todo mundo tem um pé, dessa,... que é uma crença, que a gente tem, para proteger a casa, pra evitar mal olhado,... que a gente, acredita muito nisso, ainda,... essa crença, a gente é muito chás, ainda, ... até pra espantar mal olhado. Essa é paineira, que a gente faz xarope... ela dá,... é muito raro dar, com flor dela, pro bronquite, para asma, pra tosse,... é um xarope muito bom,... a gente faz xarope com ela, ... inclusive, que as crianças tudo toma, até hoje, e a presidente do quilombo, nosso,... aqui, que tinha um Branquinho, foi curado,... com essa, com essa planta, com xarope dessa planta,... só a flor dela,... e ela tem uma história né! ... ela tem a barriga, bem grande, diz a lenda, que é que,... essa, tudo... água, que ela vai acumulando, quando... ah... seca, que não chove, sim ela tem água, pra se alimentar e produzir as flores,... muito interessante a história dela,... é uma árvore muito rara”. (Relato em 4 de março de 2023 - Caderno de Campo, Eder Fonseca, 2023).

A fala de dona Maria Denise apresenta uma boa base para as discussões sobre o processo de tratamento desenvolvido pelos quilombolas na sua referência a preservação de costumes ancestrais, que são formas de resistência a expansão da alopatia sobre as comunidades quilombolas tradicionais.

*Figura 11- Maria Denise: Foto de Tatiana Shug, 2023.*



O estudo da biointeração me leva para o encontro de outra pessoa. Contatei Elisângela Dias Schug, a qual me proporcionou ampliar o conhecimento sobre a perpetuação do conhecimento quilombola, contra a constante inserção dos saberes eurocentrados, e ditos científicos, no seio das comunidades quilombolas tradicionais. Elisângela está com 42 anos e é formada no antigo magistério, possui também a “Licenciatura Plena em Geografia” como nos disse. A mesma realizou Pós-graduação em Gestão e Orientação pedagógica, fez outras Pós-graduações *lato senso* em História e Educação Infantil. Realizou outra formação em Ensino Religioso e atualmente é presidenta da Comunidade Quilombola Passo do Lourenço e arredores. A sua liderança se deve aos anos de atuação em defesa das políticas públicas, norteadas para os territórios quilombolas no país. Elisângela se consolida como umas das

lideranças quilombolas de amplo reconhecimento no estado do Rio Grande do Sul. Elisângela relatou para mim que “os quilombos ainda vivem na margem da sociedade, invisíveis, que só através das políticas públicas específicas teremos resultados favoráveis a curto, médio e longo prazo” (Relato em março de 2023 - Caderno de Campo, Eder Fonseca, 2023). Elisângela indica que uns exemplo cristalinode uma política pública norteada para os quilombolas são os processos específicos de ingresso de quilombolas e indígenas nas universidades federais. Elisângela indica que essas cotas abriram a possibilidade da ocupação de uma das vagas pelo seu único filho, Alex, que está concluindo em 2023, o curso de medicina na Universidade Federal de Pelotas, uma grande conquista para o movimento quilombola.

A interlocutora me relatou sobre seus saberes e “fazenças” com as ervas medicinais, seus processos de cura, higiene bucal, diferentes modos de benzedura e história de sua vivência no quilombo no qual pertence. Neste momento apresento relato de Elisângela:

“Viver em território, geralmente de difícil acesso... e tem muitos saberes tradicionais... e como o uso das ervas medicinais eu lembro dos meus avós... e também foi criado assim, com o uso da agroecologia, com benzeduras, o uso de remédios, pomadas e chás, para todos, variados tipos de doenças... é minha mãe me criou, criou nossos filhos... eu tenho a nossa família, eu tenho 8 irmãos... e todos, o máximo que tomava de remédio, nem tinha remédio naquele tempo, era tudo para chás, a mãe dizia, me lembro, pra dor cabeça, para dor no estômago, para dor no dente, ar no dente, que se falava, benzia..., e a mãe benzia, ah... temos para quebradura... ta, febre, pressão alta, então, tudo se tratava em casa e a gente melhorava, passava então esses saberes culturais tradicional do Quilombo; a plantação da agroecologia, de usar também essas ervas, esses chás, nas plantas, sem usar agrotóxico, sem uso de veneno, a plantar chás, juntamente com... com árvores frutíferas, tudo junto,... hortas, também hortaliças, então colhia, tudo num canto, porque a terra era pouco,... benze animais também, chás para os animais, que eram próprio osso, fazia, torrava, então nós fomos criados todos assim e hoje se eu tomar um paracetamol, pra qualquer dor, me passa, só se for uma coisa que tem que procurar um médico, porque eu nunca usei medicamentos, né! ... e meu e a minha família toda, então, são muitos saberes, ... eu lembro do chá da faxina, que até hoje, ... eu moro aqui em Pelotas, estão em Pelotas, eu trago aqui, pro meu filho, pra mim, o chá da faxina vermelha, ... estou trabalhando aqui em Pelotas, eu uso a murta, quando eu estou com a pressão desregulada, pro meu filho, que eu criei meu filho, também, com esses saberes, as tradicionais, da minha família, que passou a geração pra geração, pomadas, arnica para fomentação, quando está tendo um resfriado, transangem, para, usando da dor garganta, palminha pro estômago, ... então são várias usos, do chá, né! ... a na... nossa família, no Quilombo, e às vezes benzeduras, que sempre passava, benzia, quando vem temporal, lembro também de benzer, ... o plantar na lua também, benzer na lua, né! ... as benzeduras na lua, também quando *duia* dente, não tínhamos como extraí o dente, não tinha dentista no tempo, ... escovar o dente com carvão, com limão também, ... o chá do limão, né! ... a gente tomava, muito para gripe, misturava limão, laranja, canela, ... fervia e colocava mais um chás, da *larangenheira*, colocava uns chás, ... que passava também gripe, resfriado, é muito, sabe!” (Relato - Caderno de Campo, Eder Fonseca, 2023).

Figura 12- Elisângela Shug se auto fotografando em sua residência, 2022.



O processo de aproximação com as interlocutoras me levou ao encontro de Tatiana Dias Shug, 44 anos, agricultora quilombola da Roça Quilombola (agroecológica), também liderança quilombola no Rio grande do Sul, há muitos anos participa ativamente no movimento quilombola. Tatiana atua de maneira fundamental nas conquistas das políticas públicas para comunidades tradicionais quilombolas no estado. Tatiana é uma mulher quilombola que possui um vasto saber e “fazenças” nos cultivos de produção agroecológicas. A interlocutora me contou sobre seus conhecimentos das ervas medicinais e as práticas de cultivos agroecológicas. Esses saberes, segundo ela, foram adquiridos pelos ensinamentos dos mais velhos, sendo a oralitura o modo de ensinamento predominante nos quilombos, deste modo, apresento o relato de vivências e de saberes de Tatiana, em seu território ancestral:

“Meu nome é Tatiane faço parte da comunidade quilombola Passo do Lourenço, quarto distrito de Canguçu,... falar sobre as ervas medicinais, que é a Riqueza maior que a comunidade tem, né!... da agroecologia, acho que a gente se manteve por séculos, com essas ervas, né! ... povo quilombola cultiva muito, aqui, na nossa comunidade, a nossa maior fonte de Riqueza são as ervas medicinais, onde a gente usa, no nosso cotidiano, todos os dias a gente procura a medicina, mas sempre tomando nossos chazinhos, ...da... eram muitos sinais, que a gente tem, nosso quintal e conserva organicamente, né! ... e nas principais ervas, que é a gente usa muito, é o

Alecrim, o alho, que a gente, falando, que a gente tem, na comunidade... a babosa, o boldo, que é para o estomago, ... uma coxa de vir, com Capim cidreira, para se acalmar, a folha de couve que a gente gosta muito, espinheira-santa, o figo da Índia, o guaco, o limão, ... que a gente cultiva também, a pata de vaca, a salva, ... que a gente usa no lugar do sal... a trançagem para infecção, que a gente usa,... a linhaça a gente usa também,... bastante a guabiroba a gente usa também,... então... a gente tem vários chás, que a gente cultiva, dentro da comunidade quilombola, organicamente e a gente preserva a ecologia” (Relato mantido no Caderno de Campo, Eder Fonseca, 2023).

*Figura 13- Tatiana Shug se auto fotografando em sua residência, 2023.*

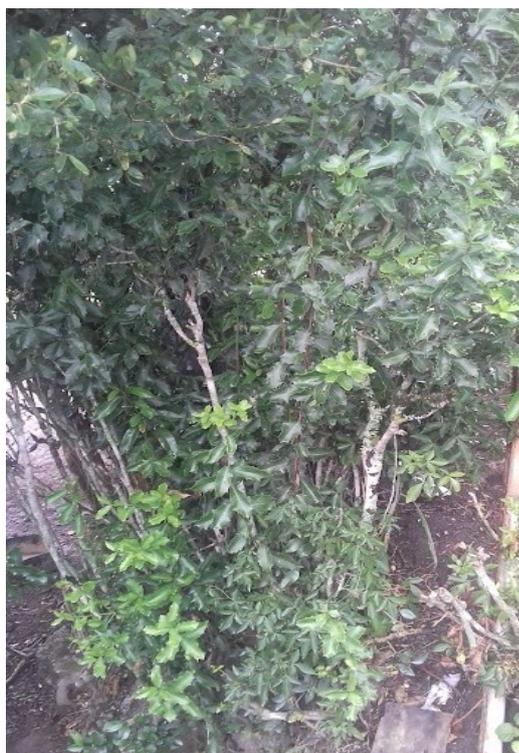


Cabe no entanto, indicar que os levantamentos realizados sobre a diversidade etnobotânica, de plantas medicinais, nesses dois territórios tradicionais pesquisados, apontou uma quantidade significativa de plantas utilizadas pelas famílias quilombolas, que servem de mecanismo de cura para doenças que atinge o corpo humano e também dos animais. As ervas preparadas de diferentes maneiras, como chás, pomadas, xarope, banhos e benzimentos, além das ervas medicinais mencionadas pelas interlocutoras. Observei outras plantas assentadas, nesses dois quilombos, vibrantes em “axé’s”. Destaco uma lista percebida de plantas que mostram a diversidade de plantas medicinais dos quilombolas, tais como: alecrim, coroa de cristo, bergamoteira, canela de velho, losna, palminha, laranjeira, babosa, murta, goiabeira, malva, bardana, losna, mil-folhas, álcool flor, melhoral, arruda, hortelã, espinheira santa, erva cidreira, guaco, tansagem, canela, bananinha do mato, pata de vaca, poejo, sálvia, alfazema, sabugueiro, amora preta, pitangueira, arnica, espada de São Jorge, açoita-cavalo, periquiteira,

agrião, erva doce, corticeira, picão preto, poejo, folha da uva, bananinha do mato, mel, amarica, quebra pedra, erva santa, funcho e coronilha (Caderno de Campo, Eder Fonseca, 2023).

As imagens que aparecem abaixo mostram algumas ervas medicinais, encontradas nos quilombos *Vó Elvira e Passo de Lourenço e Arredores*.

*Figura 14- Espinheira Santa, Eder Ribeiro Fonseca, 2023.*



Indico que após a apresentação de cada planta, mantendo o nome tradicional, sem indicar os nomes científicos, pois estes foram *patenteados* e assim usurpando a autoria dos povos tradicionais que sempre usaram essas plantas, com seus ensinamentos tradicionais e usos perpetuados por séculos. Esses dados serão trabalhados a partir dos conhecimentos desenvolvidos no universo afro centrado, a partir dos saberes calcados nas mitologias e divindades africanas.

*Figura 15- Pata de Vaca, foto do autor, 2023.*



O aprofundamento das relações simbólicas e míticas das plantas me levou a aprofundar a busca pela informação dessas materialidades e saberes junto aos meus conhecidos, que seguem com mais afinco a cosmogonia afro centrada. No avanço da investigação desenvolvo o aprofundamento sobre a simbologia ancestral africana e afro-brasileira, na relação dos *Orixás* com as ervas medicinais. Nesse processo de pesquisa tive a oportunidade de interagir e realizar uma conversa com minha amiga Roberta Rodrigues .

A Roberta me relatou que conhecia um centro de religião de matriz africana, chamado universalista localizado no município de Bagé que trabalha com as ervas medicinais e se disponibilizou a me ajudar em conseguir com o dirigente do centro a lista de plantas com seus respectivos orixás, entrando em contato com o dirigente do centro que chamamos E.S.. O dirigente foi bem receptivo e pediu para eu enviar a lista de plantas encontradas, nos quilombos da investigação, em dois dias, obtive o retorno do seu E.S.. Destaco aqui a seguinte lista no quadro abaixo:

*Plantas tradicionais da Roça Quilombola em estudo, com entidade ou orixá correspondente.*

<b>Vegetal</b>	<b>Orixá ou entidade</b>
Poejo	<i>Ogum e Obá</i>
Espinheira Santa	<i>Omolú</i>
Erva doce	<i>Oxóssi e Oxalá</i>
Alecrim	<i>Oxossi, Oxalá, Ibeji e Oxum</i>
Hortelã	<i>Iansã, Oxalá e Ibeji</i>
Canela de velho	<i>Omolú</i>

Losna	<i>Ogum</i>
Laranjeira	<i>Ibeji e Oxalá</i>
Guaco	<i>Oxalá e Oxossi</i>
Babosa	<i>Oxum e Omolú</i>
Goiabeira	<i>Oxossi e Xangô</i>
Malva	<i>Oxossi</i>
Bardana	<i>Bará</i>
Alfazema	<i>Iemanjá e Ibeji</i>
Boldo	<i>Oxalá</i>
Funcho	<i>Oxóssi e Oxalá</i>
Anis	<i>Iemanjá</i>
Malva cheirosa	<i>Oxum e Oxalá</i>
Erva Santa	<i>Iansã</i>

Planilha elaborada pelo autor

A definição sobre a relação divindade e planta não pode ser colocada a discussão, pois esses saberes são transmitidos conforme as filiações de cada contexto de formação dos líderes espirituais. É possível haver variações entre as relações, no entanto, para fins desse texto até o momento, me deixo conduzir por essa liderança espiritual. Realizo um aprofundamento sobre as mitologias das divindades e a relação com os usos das plantas, evocando os sentidos que estes textos da oralitura proporcionam para as vivências de cura nos quilombos em destaque no trabalho.

### **Um novo Itan, as Roças Quilombolas e a Ancestralidade**

O Itan é uma história sagrada, em Yorubá, que é contada pelos antigos e mantida para as novas gerações é a ação do Grio que perpetua os Itans. O texto demonstra o processo de envolvimento de comunidades quilombolas no sul do estado do Rio Grande do Sul, com a atuação biointerativa e que são sustentadas por um conhecimento ancestral, hoje conhecidas como “religiões de matriz africana”, que entendo como a cosmogonia africana calcada nos saberes ancestrais dos negros e negras quilombolas.

A importância das ervas medicinais nos processos ritualísticos das religiões de matrizes africanas é multissecular através das magias nos seus ritos místicos sagrados para curar certas doenças do ser humano e animais e devoção, obtendo ligações com sobrenatural muitas vezes com o intuito de expulsar o mal. Os Orixás, que são divindades conectadas com a natureza e seus elementos. Essa simbologia de rituais com ervas medicinais, no Candomblé e na Umbanda, são peças chaves das virtudes de cada orixás sendo que cada força que rege cada um vai ter sua ação específica nos cultos, pelas complexidades das religiões de matrizes africanas brasileira por meio dessa diversidade de terreiros e centros, cada região do país vão ocorrer variações no uso das ervas nos ritos. Segundo Veríssimo, 2022 esses espaços religiosos são comunitários.

Veríssimo et al. (2022, p.6) indica que

Para além de um espaço religioso, o terreiro de Candomblé sempre foi um espaço doméstico comunitário de resistência contra a opressão externa colonizadora na luta pela libertação do Povo de Santo - e ainda o é, até os dias de hoje. O espaço exterior do terreiro inclui, em ambas as suas dinâmicas doméstica e religiosa, um paisagismo comestível, ritualístico, sagrado e medicinal, um cotidiano doméstico e um outro, religioso, bem como a criação de renda familiar/ comunitária.

O espaço ritualístico e simbólico na terreira ou terreiro é doméstico, comunitário, é de resistência, como minha avó sempre destacou, na minha casa eu e os meus é que entram. É espaço de manutenção da vivência “contra a opressão externa colonizadora”, onde se prepara e se organiza a luta pela libertação, não é necessário falar sobre, pois ao fazer a Roça e manter a casa, seguramos o espaço na forma quilombola, que é muito diferente do colonialista. O

espaço exterior da casa, como do terreiro, como na minha roça apresentada antes, envolve as dinâmicas simbólicas em “um paisagismo comestível, ritualístico, sagrado e medicinal”. Como relata Mena (2023) e eu mesmo no “cotidiano doméstico”, e nos momentos de organização de luta ou de processos de cura comunitária, a minha roça, que é parte da Roça Quilombola do quilombo Vó Elvira, a casa e o quintal se unem e formam a força da preservação da forma de ser quilombola, como disse antes cria-se o perímetro, nesse estão também plantas de encantamentos que protegem o lugar contra os colonialistas e opressores.

A ecologia dos Orixás é revivida na roça e casa quilombola, onde envolvemos os usos das ervas medicinais, minerais e alimentos, como sempre fizemos, no cotidiano, pois não separamos o sagrado do cotidiano. O cotidiano é envolvente e também o culto ao sagrado imbricam nos saberes e fazenças da Biointeração Quilombola. A biointeração que envolve vários quilombos, como elementos de resistência no território tradicional, que é marginalizado. Destaco a interface epistemológica entre a natureza – Orixás, que não tem separação, pois tem envolvimento, a pedra, a terra, o rio, a lagoa, o pássaro, o animal silvestre, os vegetais, tudo é manifestação das entidades e divindades.

Nas comunidades quilombolas, as práticas de benzer os humanos e os animais têm como principal função extirpar certos males, prejudiciais ao equilíbrio dinâmico do corpo humano e animal. Os banhos de ervas possuem essa função de limpeza corporal e espiritual. A tabela acima (*Plantas tradicionais da Roça Quilombola...*) mostra que cada divindade é associada a certas ervas e certos elementos da natureza, por exemplo: Ogum tem uma ligação estreita com as ervas medicinais losna, poejo e seu elemento canalizador é o ar; a divindade Oxossi está ligada ao alecrim, erva doce, guaco e seu elemento canalizador é a terra; e assim por diante. A quilombola Tatiane nos informou que umas das “principais ervas, que é a gente usa muito, é o Alecrim” (referido acima). Os vegetais são considerados elementos sagrados nas cosmogonia africana, as conexões dos Orixás e as ervas medicinais as concepções também são descritas no trabalho de Pedro Freire Botelho - “Os Segredos das Folhas e os Rituais de Cura na Tradição Afro- Brasileira”.

Botelho, (2010, p.6) afirma que

Toda essa força vinda do axé das folhas facilita a incorporação mediúnica e também aumenta a saúde física e psíquica. A força do Orixá se funde na energia terapêutica do vegetal, aumentando o poder e a eficiência no organismo da pessoa. Há um equilíbrio das forças ante a magia e a demanda. É a força cósmica da natureza comandando a mente por intermédio dos aromas e princípios curativos das ervas, inclusive da descarga humana através dos banhos e defumações purificações

purificadoras que recebem das matas os elementos primordiais dessas magias. Através dessa complexa mistura de forças e aroma provenientes das ervas, provoca-se uma harmonia de vibrações.

A noção apresentada pelo autor mostra que nós não desligamos da nossa ancestralidade, da força que vem *Axé* e neste processo de ligação com a terra, com as folhas, que ligam o *Aiye* (terra dos visíveis) com o *Orum* (terra dos invisíveis, que nunca se desligam). A perspectiva de aproximação no rito é a incorporação mediúnica que nos coloca em interação e biointeração com nosso corpo e o corpo mãe ancestral da terra. Essa ação nos traz a saúde física e psíquica que precisamos para persistir no *Aiye*. A perspectiva dessa força se faz apresentar nos ancestrais, que também são Orixás, os quais ligam, por interação, as energias oriundas dos vegetais fundidas ao corpo dos quilombolas. As forças cosmogônicas, na interação humanos e cosmos, são perceptíveis nas plantas a partir dos sentidos, gosto e aroma, plasmando os efeitos e princípios curativos das ervas, usadas também nos banhos e defumações para purificação. Os elementos primordiais agem, é a biointeração.

Os quilombolas, quando ainda oprimidos escravização, logravam os opressores utilizando, hoje ainda usam, dos “santos dos paraísos católicos” (Carle, 2005, p. 268). As interações com as forças eram disfarçadas em danças e rituais, muitas vezes sob a autorização daqueles. No sul do Brasil os “batuques” marcam as suas mandingas e fuzarcas (Carle, 2005, p. 268), envolvendo brincadeiras, farras, folhas e troças, como nos seus ritos de origem, marcam a lembrança de suas comunidades africanas.

A força dessas manifestações aparece muito nas escritas dos opressores, como é o caso quando em 1758, o Conde dos Arcos, sétimo vice-rei do Brasil, apoia as entendidas distrações que julgava ser “útil que os escravos guardassem a lembrança de suas origens e não esquecessem os sentimentos de aversão recíproca que os levaram a se guerrear em terras da África” (Nina Rodrigues, *Os africanos no Brasil*, São Paulo, 1945, p. 253, apud Verger, 2002, p. 25).

A cegueira dos escravizadores e colonialistas se davam pela soberba, de entender que seu poder é mantido por uma fé na cristandade e que mantendo as fuzarcas impediriam as fugas, sublevações e as revoltas (Carle, 2005). As manifestações ancestrais cosmogônicas são chaves para a permanência no *Aiye*, o que ainda não é entendido pelos não negros, As biointerações com os Orixás, Vodum (plural de vodus ou divindades) e Inkissis envolvem

linguagens corporais e ações que estão no cotidiano nos processos que os colonialistas chama de sincréticos, por parecerem as imagens com as imagens dos não negros, quando em realidade as materialidades são bem distintas e notórias nas manifestações cosmogônicas dos negros brasileiros.

A biointeração na Roça Quilombola apresenta os sentidos ancestrais das cidades africanas de onde fomos trasladados, remontamos nossas comunidades com parcelas constitutivas que entendem os Orixás dentro de si. Os quilombolas não estão se religando, num eterno “vir a ser”, eles são, eu sou. O Orixá, o ancestral, está em mim, está nos quilombolas, está na terra, está nas plantas (Carle, 2005, p. 270).

O *Orixá* é potência dos que são iniciados ou descendentes diretos e indiretos, daqueles que viveram em África, alguns Orixás viveram entre humanos. Os exemplos como: *Xàngó* em Oyó, *Yemanjá* na região de Egbá, *Iyewa* em Egbado, *Ògùn* em Ekiti e Ondô, *Oxum* em Ijexá e Ijebu, *Erinlé* em Ilobu, *Lógunèdé* em Ilexá, *Otin* em Inixá, *Òsààlà-Obàtálá* em Ifé, *Òsàlúfon* em Ifan e *Òsàgiyan* em Ejigbô (Verger, 2002, p. 33). Este estar no *Aiye* criou gerações de descendentes diretos das divindades. Os *Orixás* vieram com as famílias e indivíduos, revivido suas mitologias pelos “olorixá” ou sacerdote do *Orixá*. A ação do olorixá é primordial e os membros da família apoiam a realização das obrigações, mas com as separações entre famílias no Brasil os indivíduos cumprem essas obrigações, até reencontrar a casa do *Orixá*, para fazer novamente em família, os quilombos formam essas famílias novamente no “assento” e nos terreiros onde existem múltiplos *Orixás* reunidos em torno de um, que é o ligado a família, simbolizando o reagrupamento dispersado pelo tráfico (Verger, 2002, p. 33).

O *Orixá* “é”, em si mesmo, sem necessitar em absoluto de aperfeiçoamento, pois já é a perfeição, é força natural que sustenta a existência dos outros e dele. O aprendiz dos segredos das cosmogonias africanas sabe que o *Orixá* é todo simultaneamente, é único, reunindo a si mesmo, em si mesmo e a partir de si mesmo, é força e é presença, com toda a capacidade do unificador. O ser *Orixá* está completo e fluindo na revelação que determina os segredos que carrega (Carle, 2005, p. 271).

A interação e biointeração de humanos e não humanos, no quilombo e na Roça Quilombola está presente na tabela das *Plantas tradicionais da Roça Quilombola em estudo, com entidade ou orixá correspondente*, apresentada acima. O estudo da tabela, na interação e

biointeração, com as comunidades, foco nesse trabalho faz a priorização de alguns *Orixás* em relação ao todo. A criação de um novo Itan, como me comprometo, ou seja, uma retomada de uma história sagrada, me faz olhar para aquele que veio antes. O sentido da existência. Antes de todas as histórias só estava *Olódumarè*, distante, inacessível e indiferente, fora do alcance da compreensão humana, cria os *Orixás* no mundo, aos quais os humanos apresentam suas demandas e oferendas (Verger, 2002, p. 8).

A criação se dá em três forças, são três os elementos criados, assim olho para três forças, na criação desse novo Itan. No início é necessário que eu mergulhe no estado de entorpecimento “de infusões preparadas com certas folhas” (Verger, 2002, p. 30). As minhas memórias estão sendo lavadas e aparecem as lembranças de uma vida anterior, num estado de “disponibilidade”, de busca de “identidade”, onde os *Orixás* se apresentam. Reencontro a antiga força sensibilizada nos ritmos do meu coração que soa como os atabaques nas terreiras (Verger, 2002, p. 30-31). No padê realizo o despacho de Exú, *Laroye Exú!* É importante frizar que nada se move que não seja pelo Exú, *Laroye Exu!* A *iabassê*, supervisiona “as comidas destinadas aos deuses e aos seres humanos” (Verger, 2002, p. 31) comidas essas legadas a Roça Quilombola, para a qual focamos essa criação. O atabaque do meu coração assegura a criação (Verger, 2002, p. 32). É preciso manter a força, o Axé, por meio de oferendas e sacrifícios, a oferta é o texto que se apresenta. O atabaque essencial chama os *Orixás* no início e no meu transe realiza e transmite a mensagem que vem pela boca que tudo come, Exú, *Laroye Exú*, a fala dos deuses (Verger, 2002, p. 33).

Exu é um *Orixá* e um *ebora* de múltiplos aspectos sem definição, livre, que suscita fluidez, é astucioso, vaidoso, prestativo, mas se esquecerem de lhe oferecer sacrifícios e oferendas, pode esperar catástrofes, assim o caminho se faz por Exú (Verger, 2002, p. 36), o texto e o novo Itán é Exú, em manifestação e oferenda, oferta a Exu – Ele, *Laroyê Exu!* Exú está irmanado no Brasil com *Ogun*, é mais velho que este, sendo então meu primeiro, que já é segundo *Orixá*. Como no princípio uma força feminina e outra masculina se fazem aparecer<sup>7</sup>. O *Orixá* de minha cabeça (*ori* – cabeça; *xá* – espírito) se manifesta, *Oxóssi*, o senhor da floresta, das plantas e animais selvagens, que marcam os limites da Roças Quilombolas em estudo. Na docilidade e força do fluxo das águas doces que cobrem as montanhas onde estão os dois quilombos em questão, surge *Oxum*. Estamos agora apresentados as quatro, pois Exú é o caminho, *orixás* que conduzem esse novo Itan.

<sup>7</sup> É importante indicar que esses entes feminino e masculino, nada se assemelham a homem e mulher, pois são forças anteriores aos humanos e suas idéias de homem e mulher.

A planilha das *Plantas tradicionais da Roça Quilombola*, que conduz esse novo Itan, apresenta outras forças, como: *Omolú* nas Espinheira Santa e Canela de velho; *Iansã*, *Oxalá* e *Ibeji* na Hortelã, *Ibeji* e *Oxalá* na Laranjeira; *Oxalá* no Boldo; *Iemanjá* e *Ibeji* na Alfazema; *Iemanjá* no Anis; *Iansã* na Erva Santa. Os *Orixás* e suas manifestações biointerativas nesse momento não serão trabalhadas, não por serem distantes ou menores, mas por não formarem esse momento do caminho que o processo mítico se manifesta.

Observando a tabela e relacionando proximidades e distancias é possível verificar que Exú (*Laroye Exu!*) ali identificado como *Bará*, aparece uma vez e ligado ao vegetal Bardana. *Ogun* aparece ligado sozinho na planta Losna, e irmanado com *Obá* no vegetal Poejo. *Oxóssi* se faz presente com muitos outros *Orixás*, só ele está na Malva. Irmanado com *Xangô* na Goiabeira, já com *Oxalá* se irmana na Erva Doce, Guaco e Funcho, como também com *Oxalá*, irmanado a *Ibeji* e *Oxum* no Alecrim. Orixá *Oxum* que envolve esse Itanse irmana com *Oxalá* na Malva Cheirosa e com *Omolú* na Babosa.

A Bardana (erva de<sup>8</sup> Exú – *Lariyê Exu!*) é muito utilizadas no alívio de sintomas gastrointestinais, no tratamento de caspa, cólicas renais, bronquites, diabete, reumatismo, além disso possui ação antibacteriana, calmante, fungicida, cicatrizantes e depurativas, analgésica, servindo também como anestésica contra picadas de insetos e aranhas além disso suas raízes cozidas são bastante nutritivas.

A Losna (de Ogun) é indicada para problemas de estômago, fígado e vesícula, utilizada com inseticida contra piolhos, antisséptica e tônica. O Poejo (Ogun) utilizado como expectorante, para cólicas e gases em bebês, estimulante, antisséptico, muito bom para infecções das vias respiratória, insônia, sistema nervosos e fraqueza no corpo.

Malva (de Oxóssi) é indicada para qualquer tipo de infecção: boca, garganta, ovários, olhos, úlceras, hemorroidas, rins, servindo também para mau hálito, picada de insetos e cicatrizantes e o chá das flores servem para combater a tosse. A goiabeira (de Oxóssi) muito utilizada para problemas de infecção intestinal, diarreia, hemorroidas, feridas, disenteria e diabete. A Erva doce (de Oxóssi), servindo como calmante, estimulante para a lactação, regula a menstruação, relaxante muscular, combate gases intestinal, mau hálito. O Guaco (de Oxóssi) muito utilizado para o tratamento de gripe e tosse, reumatismo, artrite, expectorante,

---

<sup>8</sup> A expressão “de” é a ideia que o Orixá está assentado e se manifesta pela planta, num sentido de biointeração entre o Orixá, muitas vezes ancestral, que viveu em um momento no Aiyê, nos liderando, e seu manifesto presente na planta, a planta não só manifesta o Orixá, ele é a força, é o próprio Orixá (conforme relato do Babalorixá E.S. - Caderno de Campo, Eder Fonseca, 2023).

anti-inflamatório, facilitando a respiração e controle da febre. O Funcho (de Oxóssi) é digestivo, diurético e tônico além disso favorece a secreção do leite materno. O Alecrim (de Oxóssi), indicado para ampliar a memória, falta de apetite, esclerose, nervosismo, tosse, asma, bronquite tem propriedade cicatrizante, indicado para dores de cabeça, sendo depurativo ao sangue.

A Malva Cheirosa (de Oxum) indicada para qualquer tipo de infecção como boca, garganta, hemorroidas, combate infecções do aparelho vaginal sendo também expectorante e laxativa. A Babosa de (de Oxum) é indicada a tratamento de queimaduras do sol ou outras irritações que possam ocorrer na pele, serve como hidratante, cicatrizante e anti-inflamatória, o seu suco é indicado para problemas gastrointestinais, servido também para melhorar a aparência do cabelo e da pele.

A bardana é de Exu ou *Èsu (Laroyê Exú!)*, segundo Verger (2002, pp. 76 a 80), ele é *Orixá* de múltiplos aspectos, com caráter forte, está sempre em disputas, mas é sempre considerado. *Alupo!* (saudação a Exú). A Ele ofereço o *ebó*, que é esse texto. Exu revela a humanidade, “o mais humano dos orixás, nem completamente mau, nem completamente bom” (Verger, 2002, p. 76). A sua fluidez e dinâmica jovial, é protetor a quem carrega sobre sua cabeça, todos temos nosso Exú, e assim chamados *Èsùbíyu* (“concebido por Exu”) ou *Èsütòsin* (“Exu merece ser adorado”). O mesmo esteve entre nós na terra como um dos companheiros de *Oduduà*, “quando da sua chegada a Ifé, e chamava-se *Èsu Qbasin*” (Verger, 2002, p. 77). Assistente de Orunmilá, (o pai do segredo, que serve para a adivinhação, no jogo de búzios, que se consegue prever as coisas que irão acontecer, além de ter papel importante na criação é por ele que se determina os destinos - Carle, 2005, p. 287). Exu foi rei de Kêto - *Èsu Alâkêtu*.

Exú supervisiona as ações mercado de cada cidade, em Oyó é chamado *Èsu Akesan*. A supervisão dá o nome para Exú de *Bará*. Carrega um porrete, *ogo*, que serve para sua transferir coisas em quilômetros de distância. É o guardião dos templos, das casas, das cidades e das pessoas. É o senhor da linguagem, pois fala com os orixás e com os humanos. Todas as oferendas, comunicações e caminhos passam por Ele. Primeiro se busca Ele antes de qualquer outro ser. Todos os terreiros e terreiras assentam Exu, pois ele é que possibilita o movimento. Nos quilombos cuida dos caminhos, o próprio passo, do Passo dos Lourenço é fruto da ação Dele. *Exu-Bará*, não é esquecido. Um mito muito conhecido sobre Ele é quando Oxalá foi enviado por Olodumaré, o Deus supremo, para criar o mundo, “Exu provocou-lhe uma sede

tão intensa que Oxalá bebeu vinho de palma em excesso” (Verger, 2003, p. 76), e não criou o mundo ficando ao espírito feminino essa demanda. Segundo Verger (2002, p. 77), Exu em uma competição com Obaluaê, ficou em último, mesmo assim foi considerado vencedor. São mitos que mostram a intrincada presença de Exú, como manipulador do tempo (horas), além do caminho, do movimento, comunicação e outros. Nada inicia que não seja pelo Exú.

A segunda-feira é o dia da semana consagrado a Ele. Sua proteção é dada por colares de contas pretas e vermelhas. As oferendas, de animais e comidas são ofertadas antes de outros orixás (Verger, 2002, p. 80). No “xirê” dos *Orixás* é feito o “padê”, palavra que significa em ioruba o encontro ou reunião, durante a qual o *Orixá Exu* é chamado, saudado, cumprimentado e enviado ao além para convocar os outros *Orixás* para a festa ou cerimônia. Sua cor principal é o vermelho, os seus “filhos” usam correntes de aço. Atua sobre partes importantes do corpo como o esqueleto, pênis, pâncreas, uretra, urina e sangue. Há vários animais em oferta a Ele, entre as frutas é a manga, ameixa vermelha, butiá, maracujá, cana-de-açúcar, como flor mais conhecida é o cravo vermelho, além da Bardana, Verger (2002, p. 80) identifica também o fumo brabo, dinheiro em penca, arruda macho, alevante guiné, orô, arnica, cipó-mil-homens, carqueja e canela. No universo de distração dos colonizadores apresenta os disfarces de São Pedro para o Exú Lodê, os demais Barás se mostram como Santo Antônio, com dias marcados no calendário colonialista entre 13 de junho e 29 de junho (Verger, 2002, p. 80). A Ele ofertado este Itan (Laroyê Exu!).

O Guerreiro Ogum pela sua metalurgia como o metal ferro também possuem ligações importantes em vários processos como de sobrevivência, tecnologia, virilidade e sexualidade masculina, assumindo um papel de civilizador o mito de *Ogum* também é visto como mantenedor da ordem tem o poder de abrir os caminhos (Ribeiro, 2015, p. 47):

“Ogum guerreiro e forjador funciona como princípio civilizatório, símbolos dos saberes associados a competências físicas, apresentam nas suas relações com os seres os diversos caminhos a serem percorridos e permitem as múltiplas escolhas necessárias para estar em vida coletiva”.

O Orixá que congrega a guerra, a ciência e a tecnologia, nos estudos de Verger (2002, pp. 86-96), esta divindade é muitas vezes confundida com seu irmão Exú, pois como o Bará Lodê, Ogum Avagã é o Ogum da Rua, cuida do templo e acaba com problemas com as repressões policiais e arruaças. Ele gosta de bebidas alcoólicas, graças fruto do mito de ter

sido embebedado por Iansã para que ela pudesse fugir com Xangô (Carle, 2005, p. 297). A guerra e o ferro envolvem essa divindade na tecnologia, protegendo aqueles que trabalham com ferro, com máquinas e coisas afins. O guerreiro é solicitado para vencer demandas, sendo forte nas preparações dos quilombos por proteger aos revoltosos. No disfarce aos colonialistas aparece como São Jorge da Igreja Católica brasileira. Na luta irrompe com vitória sobre seus inimigos é evocado sempre na constituição de Quilombos (Carle, 2005, p. 296).

*Ogum* foi líder de Irê, de onde se afastou e um dia volta, para visitar seu filho, tinha fome e sede; viu vários potes de vinho de palma, mas estavam vazios, na cidade não foi reconhecido, de pouca paciência, quebra com golpes de sabre os potes e corta cabeças de pessoas próximas, seu filho intercede e oferece as comidas prediletas da divindade, como cãs e caramujos, feijão regado com azeite de dendê e potes de vinho de palma. *Ogum* saciava fome e sede, enquanto os habitantes de Irê cantaram louvores. Acalmado, aponta seu sabre em direção ao chão e desapareceu pela terra adentro, antes pronunciou algumas palavras, que ditas durante a batalha provoca O seu retorno, em socorro daquele que evoca-O (Verger, 2002, p. 41). É desbravador, com sua lança abriu novos caminhos e conquistou novos mundos (Verger, 2002, p. 87), é senhor da quinta feira, usa vermelho e verde, protege as costelas e os dentes humanos, gosta das frutas laranja e marmelo, entre as flores usa a palma vermelha e cravo vermelho e além da Losna e Poejo, reconhece a espada de São Jorge, lança de *Ogum*, inhami, arruda e eucalipto. Saudamos Ele - *Ogum-nhê!* Entre os colonialistas é mostrado como São Jorge e Santo Expedito, tendo como data dia 23 de abril. (Carle, 2005, p. 298).

O Oxum divindade que governa os rios e todas as águas doces, deusa da fertilidade humana do amor e também do ouro, remetendo o papel da mulher como educadora pedagógica, de acordo com Ribeiro (2015,p. 49):

“Oxum - Gesta a vida em todos os aspectos, ligada à procriação e à defesa do corpo feminino como instrumento ancestral e estético e poder. Tem no menstruar o poder de fecundar a vida e as relações de sociabilidade e organiza estratégia de mudanças. Sendo assim, Oxum representa o poder social de resistência e luta das mulheres na sua totalidade em referências às mulheres negras”.

Orixá Oxum é chamada de *adum*, *ado*, *uado* se serve no Brasil de milho torrado e moído, temperado com azeite de dendê e mel de abelha, prato votivo da divindade (Carle,2005, nota 137, p. 296).

Oxum é a divindade do rio, de mesmo nome, na Nigéria, em Ijexá e Ijebu, foi mulher de Xangô, *Ogum*, Orunmilá e Oxossi, é a senhora das futuras mães, pois controla a

fecundidade pelos laços com “Ìyámi-Àjé” (Minha Mãe Feiticeira). Quando os Orixás chegaram a terra, organizaram reuniões sem as mulheres, Oxum aborrecida se vingou, tornando as mulheres estéreis. Os orixás falam com Olodumaré sobre o mal na terra, mesmo com suas assembleias, Olodumaré sobre a participação de Oxum nas reuniões, disseram que não. Olodumaré explica que Oxum tinha poder sobre a fecundidade e nada poderia dar certo. Os Orixás convidam Oxum para os trabalhos e as mulheres tornaram-se fecundas. Oxum é chamada de *Ìyálóòde (Iaodê)* o lugar mais importante entre todas as mulheres. É a rainha de todos os rios e exerce seu poder sobre a água doce, primordial para vida na terra (Verger, 2002, p. 62).

O companheiro de Oxum Oxossi é a divindade da caça, com força nas matas, e promove o equilíbrio da biointeratividade. Segundo Ribeiro (2015) o Oxossi tem como elemento de recomposição a terra que permite valores sociais para manutenção da vida.

Oxossi é a divindade dos caçadores e também é irmão de Ogum (Ogum as vezes é o caçula e as vezes é filho de Oxossi). Ele é importante na medicina, pois os caçadores na floresta em contato com Ossain, divindade das folhas terapêuticas e litúrgicas, aprendem parte do seu saber. Oxossi na ordem social e na Roça Quilombola é importantíssimo, pois como caçador, nas expedições descobre um lugar favorável à instalação de uma nova roça (Verger, 2002, p. 49). É o senhor da terra (*onile*) e exerce sua autoridade sobre os habitantes com força sobre a ordem administrativa, como caçador (*ode*) possui as armas no vilarejo, serve como guardas-noturnos (*oso*) [Verger, 2002, p. 49]. O caçador de uma só flecha (Verger, 2002, p. 50). Oxossi também é conhecido como dois irmãos, ou casal, *Ode* e *Otim*, divindades da caça, que vivem nas matas, são um casal inseparável.

Pierre Verger (2002, p. 113) indica que no Brasil Odé ou *Ôsòsì* é irmão de Ogum e de Exu (Bará), todos os três filhos de Iemanjá. Bará ou Exu, “era indisciplinado e insolente com sua mãe e por isso ela o mandou embora”. Ode caçava na floresta das vizinhanças e abastecia a casa. *Yemanjá* inquieta consulta babalaô que indica a saída de Odé (Oxóssi) de casa, pois ele poderia encontrar Ossanha (Ossain), que é o Senhor das Plantas, que poderia colocar um feitiço em Odé e mantê-lo junto no fundo da floresta. *Yemanjá* exige que Odé renuncie a caça, mas Ele continuou suas incursões na mata. Indo com outros caçadores até junto a grande árvore *ìrokò*, separado prosseguiu isolado e voltando ao fim do dia com os outros. Um dia não voltou, pois encontrara Ossain, que lhe dera de beber uma poção onde foram maceradas certas folhas, como *amúnimiyè*, que faz o feitiço de posse da pessoa e da inteligência dela, passa a viver com Ossain, como previu babalaô. Ogum foi atrás dele nas

profundezas da floresta até encontrá-lo e levar para a mãe. Yemanjá se nege e receber o desobediente. Ogum se revolta e sai da casa (seu lugar é sempre ao ar livre). Odé (Oxóssi) volta para a companhia de Ossanha. Bará (Exu), Ogum, Odé (Oxossi) e Ossanha (Ossain) são simbolizados pelo ferro e vivem todos ao ar livre (Verger, 2002, p. 51).

Oxossi, ou Ode e Otim, é Orixá das matas e aprendeu os segredos das plantas com Ossanha. Aparece no Brasil ligado a sexta feira, se serve de farofa doce com costela de porco assada com mel. Oferendas são feitas nas matas e na praia, gosta de frutas como uva preta, maçã, butiá e araçá, sua flor preferida é lírio roxo, aparece também ligado as ervas como butiá e a folha de araçá, saudado assim: *oké aro!* Na imagem de enganação aos colonialistas aparece como São Sebastião, ou Otim como Santa Rita de Cássia, no dia 21 de Janeiro (Carle, 317-321).

Ressalto a fala de Elisângela (referido acima) que indica que a plantação da feita no contexto da biointeratividade, está para uso das ervas, como chás e plantas, “sem usar agrotóxico, sem uso de veneno” e o ato de plantar o chá e feito “juntamente com árvores frutíferas, ... junto das hortas” em meio a tudo, ou seja, a área é como o universo do Exú, Ogum e Oxóssi, entre a floresta e o quintal da casa, em meio as outras plantas, pois esses conhecem entre seus irmãos as formas de plantar. É evidente que esse conhecimento é ancestral ligado aos mitos dos ancestrais e divindades. O que os Orixás nos ensinaram para viver bem na terra.

A oralitura e vivência, expressa na escriturização destes relatos e biointerações da Roça Quilombola apresentem essas possibilidades desse novo *Itan*. As necessidades expressas no cotidiano quilombola são imediatamente remetidas aos ancestrais e antes deles aos Orixás, que imediatamente na biointeração da Roça Quilombola mostra a solução na cura, pela folha, pela erva, pela planta. O novo *Itan* que é tão antigo quanto a humanidade, quanto a criação, que aqui recorremos a três Orixás, sem nunca esquecer do quarto, o que possibilita, *Laroiyé Exu!*.

A criação, como um eterno retorno, num tempo em espiral, apresenta o quilombo, como uma habitação inicial, ligada afirmativamente na Roça Quilombola, que entendia como agroecológica, que agora se amplia, como Roça de Orixás, como Roça de vida afrocentrada. Eu quilombola ,que é sempre nós, se faz sentir pela cura constante do que nos aflige, nessa terra, no *Ayiê*. Estamos em constante nascer, passamos pela luz do sol, brilhamos, e voltamos aos nossos ancestrais, um dia estarei com minha Vó Elvira, como ancestral, mas aqui permanecemos, por possuir as curas ofertadas pelas plantas medicinais, que aprendemos com eles a cultivar, assim repetindo o existir.

A biointeração quilombola na Roça Quilombola é mantida quando aprendemos com nossos mais velhos, como Seu Dirico no Passo dos Lourenços, e com os que são ancestrais, como nossa Vó Elvira, até aos Orixás – Ogum, Oxum, Oxóssi e Exu, em manter nossos saberes e fazências, na Roça (agroecológica), nas ervas medicinais, equilibrando a existência. Mantendo o bem viver.

### **Considerações não tão finais**

O trabalho etnográfico olha para duas comunidades quilombolas, do Passo do Lourenço e Arredores, localizada no município de Canguçu-RS e na comunidade de Vó Elvira. Os estudos envolvendo a biointertividade da Roça Quilombola foi aprofundado a partir de das entrevistas semiestruturadas, que fiz com as lideranças e com representantes das comunidades. Durante as viagens e interações que realizei entrei em contato com um babalaô, o qual me apresenta uma série de correlações entre plantas e divindades da cosmogonia africana. Dialogando com os narradores/narradoras quilombolas e autores que estudam a Roça Quilombola, com destaque para o ancestral quilombola Nego Bispo, fui me percebendo como o colonialismo invade nossos pensamentos e como devemos atuar para contestar cada vez mais suas interferências.

O processo de construção de um texto acadêmico com palavras e falas que muitas vezes não são respeitadas por não negros torna esse texto uma oferta para essas novas comunicações e assim lembrar o que nos possibilita isso – *Laroye Exu!* O diálogo com outros atores e autores mostrou a força das estruturas estudadas por alguns pensamentos colonialistas, que foram devorados e regurgitados, como num ato antropofágico que os ameríndios realizavam. Ato esse que permite capturar a força de seus escritos e evitar a reprodução de seus preconceitos com as falas e saberes dos não acadêmicos. Usei de vários colegas negros que produziram suas falas e escritas para chegar a esse texto que carrega dentro dele um novo Itan, ou história sagrada, que neste caso envolve as plantas que usamos e fazenças medicinais que realizamos nos espaços quilombolas.

A construção familiar da oralitura, de minha escrivivência, das comunidades quilombolas do Passo do Loureço e Vó Elvira, me constituem como pesquisador em formação. Percebi na pesquisa os significados. Os, ancestrais organizam a vida quilombola e assim a minha vida e minha escrita.

A sabedoria de Nego Bispo, de Conceição Evaristo, de Cicero Oliveira, de Marielda Medeiros, do Seu Dirico, das lideranças quilombolas de minha região, me fizeram expor as profundezas da Roça Quilombola, que se unifica em um espaço de luta que foi iniciada desde nossa chegada a esse rincão que chamamos de sul do Brasil. A escrita que apresento está

muito longe do que vivencio como negro quilombola em permanente luta por reconhecimento, mas oprimido pelo colonialistas nesse viver a existência no *Aiyê*.

A escrita mostra a perspectiva dos que me antecederam, no caminho que trilho e quero continuar trilhando no doutorado. A presença da criação, como na mitologia original, de nossa criação, aqui refletindo como Banto ou Yorubá, foi marcada por três, que aqui se fizeram apresentar por Ogum, Oxum e Oxóssi, sem descuidar do quarto, Exú (Laroyê Exú!), a quem oferto essa escrita. A experiência de minha vida ainda jovem no Roça Quilombola associada com esse pensamento ancestral mostra como no quilombo, sobre as montanhas locais, lutamos contra o adoecimento, com nossa própria medicina, que está vinculada aos saberes ancestrais que os mitos dessas divindades se fazem apresentar.

As nossas fazenças apresentam o esforço da vivência e memórias coletivas que percebi no caminhar da pesquisa. O narrador que muitas vezes parece um é em realidade um coletivo, carregado pelos ancestrais sempre lembrados e cultuados. Coletivo que nos quilombos, em comunidade, apreciam as histórias que contamos e essa é uma nova história, assim como foi de minha irmã, que antes de mim completou esse momento de entrega de uma dissertação, como de tentos outros.

O texto apareceu no convívio com os mais velhos, que falam, que contam e que mostram suas fazenças. As coisas que escrevi, são agora, mas também sempre foram, pois para nós há um processo de eterno retorno, pois nunca nos desligamos (por isso não há religião e há o cosmos em movimento) dos que por aqui passaram e dos que por aqui vão passar e por aqueles e por esses novos é que fazemos e vivemos na Biointeração da Roça Quilombola.

O escrito segue seu curso nas narrativas, como o rio de Oxum, como a única flecha lançada de Oxóssi, como a tecnologia sempre inventada de Ogum, como o caminho e a sabedoria de Exú. É como a semente crioula que preservamos na biointeração quilombola, ela expressa as nossas memórias do saber quilombola.

A oralitura que permite a escrevivência quilombola sobre o uso das ervas e sua sabedoria ancestral ligada ao tempo das divindades criou o texto. Não fui eu, fomos nós, quilombolas em movimento e luta constante que o criamos.

A interlocução com os Griôs e agricultores biointerativos quilombolas me solidifica como agente de transformação dos pensamentos que trazem sobre nós. O universo empírico, na pesquisa que realizei, é formado não só pelas coisas, mas pelas forças ancestrais, e pelas sabedorias que estão ligadas a elas. A reflexão sobre o universo da ação produtiva ligada a terra cria o autor, que sou e que somos, como quilombolas. A forma empírica de sentir e de

escrever reflete o espírito da “boca que tudo come” (Exú- *Laroyê Exú!*). Constante retorno, na interpretação que permite o textual da realidade sociocultural quilombola e cosmogônica.

O fazer antirracista da oralitura antropológica, na sensibilidade negra da existência liberta e emancipa a nossa identidade quilombola descrita de forma simples e direta nessa dissertação de nossas trajetórias negras de biointeração na Roça Quilombola.

## Referências

ALMEIDA, Jalcione. A agroecologia entre o movimento social e a domesticação pelo mercado. *Ensaio FEE*, v. 24, n. 2, 2003.

ANJOS, José Carlos Gomes dos & SILVA, Sergio Baptista da (organizado por). **São Miguel e Rincão dos Martimianos: ancestralidade negra e direitos territoriais.** (Série Comunidades Tradicionais), Porto Alegre: Editora da UFRGS/Fundação Cultural Palmares, 2004.

BARTH, F. Grupos Étnicos e suas fronteiras. *In: POTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. Teorias de Etnicidade.* São Paulo: UNESP, p. 187-227, 1998.

BOTELHO, Pedro Freire. O segredo das folhas e os rituais de cura na tradição afro-brasileira. **ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA**, v. 6, 2010.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e sustentabilidade. Base conceptual para uma nova Extensão Rural. **World Congress of Rural Sociology**, p. 114-123, 2001.’

CAPORAL, Francisco Roberto et al. Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição para uma agricultura mais sustentável . Brasília, 2009.

CARLE, Cláudio B. **A organização espacial dos assentamentos de ocupação tradicional de africanos e descendentes no Rio Grande do Sul, nos séculos XVIII e XIX.** PPGH-PUCRS, Oror. Daniel Schavelzon, Tese (Doutorado em Arqueologia), Porto Alegre, PUCRS, 2005

CASTRO, F. P. **Racismo e Sistemas Alimentares.** Publicado no projeto Agriculturas e Ancestralidades, 2021. Disponível em: <https://www.ancestralidades.com/post/racismo-e-sistemas-alimentares>. Acesso em 22 Nov. 2022.

DE ARAÚJO, M. G. A comunidade remanescente de quilombo do Engenho Siqueira: territorialidade, identidade quilombola e potencialidade da agroecologia. **Cadernos de Geografia**, v. 21, n. 1, p. 99-114, 2012.

DE CAMPOS, R. R. A natureza do espaço para Milton Santos. **Geografares**, n. 6, p. 155-165, 2008.

DORNELES, Dandara R. Palavras germinantes – entrevista com Nego Bispo. **Identidade! EST/Morro do Espelho**, São Leopoldo, v. 26, n. 1 e 2, p. 14-26, jan./dez. 2021

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. Evaristo, Conceição – DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**, v. 1; Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FIDELIS, L. Quilombos, agricultura tradicional e a Agroecologia: o agroecossistema do Quilombo João Surá sob a ótica da sustentabilidade. **Cadernos CERU**, v. 22, n. 1, p. 57- 72, 2011.

FONSECA, Eder R. **Agroecologia Quilombola no Rio Grande do Sul: Uma estratégia de resistência**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Agroecologia) – Universidade Federal do Rio Grande, São Lourenço do Sul, (23 f.) 2021.

FONSECA, Eder R. **Caderno de Campo**. Relatos obtidos no campo entre os anos de 2022 e 2023, caderno de campo de pesquisa, Pelotas, UFPel, 2023.

FONSECA, Leandra Ribeiro. **Mulheres quilombolas : trajetórias de luta e identidades em construção**. 237 f., 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

FONSECA, E. R.; FUNK, T. R.; RIBEIRO, M. G.; FERREIRA, J. C.; PESTANA, M. B. As folhas sagradas de Ossaim: Agroecologia Quilombola no Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2010

LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares de parentesco** (M. Ferreira, trad. Rio de Janeiro: Vozes. (Obra original publicada em 1949), 1982.

MARTINS, A. G., ROSÁRIO, D. L. D., BARROS, M. N. D., JARDIM, M. A. G. **Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu**, Município de Belém, Estado do Pará, Brasil, 2005.

MARTINS, Greice; FELIPE, Henrique Junior; LEAL, Natacha Simei; SILVA, Suz Evany Lima da. Das confluências, cosmologias e contracolonizações. Das con Uma conversa com Nego Bispo.. **EntreRios** – Revista do PPGANT -UFPI –Teresina, Vol. 2, n. 1, (pp.73-84) 2019

MARTINS, Felipe da Silva. **Acervo Mestra Griô Sirley Amaro**. Centro de Artes, UFPel, Pelotas, criado em 2023, Projeto, Portal Institucional – UFPel, <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u7003>, acesso em 24/01/2024

MEDEIROS, Marielda Barcellos. **Pelotas pequena África: territorialidade negra a partir das Festas Black**. (Tese de Doutorado em Antropologia), Orientador: Prof. Dr. Cláudio Baptista Carle, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas: Pelotas, 2022

MENA, Stefanie Bento. **Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no Quilombo Vó Elvira na região de Pelotas, no sul do Brasil**. Orientador: Cláudio Baptista Carle. Narrador etnográfico: Eder Ribeiro Fonseca. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Biológicas Bacharelado – Instituto de Biologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

MOURA, Clóvis. **Quilombos e Rebelião Negra**. 7a ed, Tudo é História - Vol. 12, Brasiliense, São Paulo, 1987

MOTTA, V. D. Por uma agroecologia antirracista. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 3, 2020.

MOTTA, V. D. **Enquanto Houver Racismo, não Haverá Agroecologia**: Tese de Doutorado (Programa de Pós Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2023.

OLIVEIRA, Cícero Ney Pereira de. **Uma Arqueologia Zumbérica: sem ciência negra não há consciência**. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Área de

Concentração em Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas. Orientador: Cláudio Baptista Carle. Pelotas, UFPEL, 2022

OLIVEIRA, R. C. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. **Revista de Antropologia**, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.

PEREIRA, L. A.; LIMA, R. B.; GUIMARÃES, E. F., ALMEIDA, M. Z., MONTEIRO, E. D. C. Q., SOBRINHO, F. D. A. P. (2007). Plantas medicinais de uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental: aspectos utilitários de espécies das famílias Piperaceae e Solanaceae. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 2, 2007.

PERUTTI, D. C. Movimentos e (m) desertos: as trilhas da existência entre quilombolas de Goiás. **Mana**, v. 27, 2021.

QUADROS, M. S.; DOS ANJOS, J. C. G.; LOPEZ, J. D. G. Tensões cosmopolíticas na regularização territorial de uma comunidade quilombola no sul do Brasil. **Contemporânea - Revista de Sociologia**, v. 11, n. 1, 2021.

RIBEIRO, Sonia. A reconstrução dos passos das populações negras por dentro dos microterritórios negros. **Extramuros -Revista de Extensão da UNIVASF**, v. 3, n. 2, p. 43-52, 2015.

RODRIGUES JÚNIOR, Luiz Rufino. Exu e a **Pedagogia das Encruzilhadas**. 2017. 233 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SANTOS, Antônio B. (Nego Bispo) **Colonização, quilombos: modos e significados**. Brasília, UNB, 2015.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo, Edusp, 2002.

SHAH, A., ÁLVARES, L. P., BENASSI, G., OLEGÁRIO, A., LANNA, M. Etnografia? Observação participante, uma práxis potencialmente revolucionária. **Revista de Antropologia**, v. 12, n. 1, p. 373-392, 2020.

SIQUEIRA, P.; FAVRET-SAADA, J. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. **Cadernos de Campo** (São Paulo-1991), v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro, Mauad Editora Ltda, 2019.

SURITA, R. (Coordenadora do CAPA Pelotas) **Revista Revelando os quilombos no Sul – Pelotas: Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA), Secretaria de Desenvolvimento territorial do Ministério do Desenvolvimento Agrário, Brasília, 2010.**

VARGAS, D. L., FONTOURA, A. F., & WIZNIEWSKY, J. G. . Agroecologia: base da sustentabilidade dos agroecossistemas. **Geografia Ensino & Pesquisa**, 17(1), 173–180. 2013.

VERGER, Pierre Fatumbi **Orixás**. Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo 6ª ed., Salvador: Corrupio, 2002

VERÍSSIMO, Céline, and Mauricio Santos. "Paisagismo dos orixás: esboço para uma definição não completa." **Revista Epistemologias do Sul** 6:2, 2022.